ENSAIOS FILOSÓFICOS ESCOLHIDOS dos Operários, Camponeses e Soldados

COLECÇÃO NOVA CHINA

EDIÇÃO CONJUNTA DA

ASSOCIAÇÃO (UNIFICADA)
DE AMIZADE PORTUGAL - CHINA

E DAS

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Colecção «NOVA CHINA»

Editor: **Maria Isabel Pinto Ventura**
Tradutor: **Luísa Rijo**
Capa: **Maria José Sacadura**

«Que a filosofia seja liberta da sala de conferências e dos livros dos filósofos, e se torne uma arma acerada nas mãos das massas.»

Mao Tsé-tung

«A filosofia marxista considera que o essencial não é compreender as leis do mundo objectivo para estar em estado de o explicar, mas sim utilizar o conhecimento dessas leis para transformar activamente o mundo.»

Mao Tsé-tung

NOTA DO EDITOR

O nosso grande dirigente, o presidente Mao, sublinhou: «**Que a filosofia seja liberta da sala de conferências e dos livros dos filósofos, e se torne uma arma acerada nas mãos das massas.**» Sob o impulso da Grande Revolução cultural proletária, esse grande papel transforma-se em realidade revolucionária.

A Grande Revolução cultural proletária denunciou o crime de que se tornou culpado Liu Chao-chi, renegado, agente do inimigo e traidor da classe operária, impedindo os operários, camponeses e soldados de estudar a filosofia; ela pôs assim fim a esta situação em que desde há muito tempo a filosofia era monopolizada por alguns raros intelectuais burgueses, e abriu na mesma ocasião largas perspectivas ao estudo, pelas massas de operários, camponeses e soldados, do brilhante pensamento filosófico do presidente Mao. No momento presente, as largas massas de operários, camponeses e soldados que combatem na primeira frente dos três grandes movimentos revolucionários: a luta de classes, a luta pela produção e pela experimentação científica, animadas do mais profundo sentimento proletário de classe, estudam o bri-

lhante pensamento filosófico do presidente Mao, para resolver os problemas práticos que encontram na sua luta revolucionária. Elas estudam-no e põem-no em prática continuamente em ligação estreita com a luta revolucionária. Quanto mais elas o estudam, melhor o compreendem, e quanto mais o aplicam, melhor provam a sua eficácia. A dialéctica materialista torna-se nas suas mãos uma arma acerada com a qual elas criticam a burguesia, o revisionismo, as ideias erradas metafísicas que impedem as pessoas de fazer a revolução e de progredir, analisam e resolvem as contradições encontradas nos três grandes movimentos revolucionários, educam-se a elas mesmas, chamam a si os que são camaradas e dão golpes no inimigo, fazendo assim progredir vigorosamente a Grande Revolução cultural proletária, o desenvolvimento da produção, da ciência e das técnicas, assim como a transformação da concepção do mundo de cada um.

No seu estudo e aplicação da filosofia, as largas massas de operários, camponeses e soldados escreveram um grande número de artigos notáveis. Os oito ensaios reunidos neste livro não constituem senão alguns de entre eles. Com um nítido ponto de vista, um estilo claro, eles expõem os problemas, apoiando-se e recorrendo ao raciocínio. Numa linguagem simples e com argumentos convincentes, são uma ilustração dos magníficos resultados obtidos pelas massas de operários, camponeses e soldados no seu estudo aprofundado do pensamento filosófico do presidente Mao no decurso da prática da sua luta revolucionária e provam com eloquência que os operários, camponeses e soldados podem perfeitamente e devem absolutamente dominar a filosofia, proclamando ao mesmo tempo a falência completa da afirmação que faz da filosofia qualquer coisa de misterioso.

Que os operários, camponeses e soldados se apoderem desta posição que é a filosofia estudando-a e pondo-a em prática, é uma necessidade para a revolução e para a luta, um grande acontecimento na frente política e ideológica do nosso país e que tem um imenso alcance tanto para consolidar a ditadura do proletariado e impedir a restauração do capitalismo, como para acelerar a edificação do socialismo. Neste momento, o movimento de massas para um estudo consciente do brilhante pensamento filosófico do presidente Mao conhece um novo impulso. Não há dúvida de que continuaremos a constatar que o materialismo dialéctico, uma vez tornado uma arma acerada nas mãos da classe operária e das largas massas revolucionárias, torna-se numa enorme força material que faz progredir vigorosamente a revolução e a edificação socialistas.

A PROPÓSITO DE «MUDAR»

Por Piao Hsing-chu, presidente do comité revolucionário da brigada de produção Kienkuo do distrito de Tiéli, província de Heilongkiang.

Eu era antigamente um simples membro da brigada de produção, e tinha por trabalho conduzir os carros de bois. Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, os camponeses pobres e médios da camada inferior elegeram-me para os lugares de direcção que ocupo actualmente: presidente do comité revolucionário da brigada e membro permanente do comité revolucionário do distrito. A minha situação mudou, as minhas funções e condições de trabalho também. E as minhas ideias vão também mudar? A prática e o estudo do brilhante pensamento filosófico do presidente Mao fizeram-me compreender que tudo evolui, tudo muda e que o pensamento do homem não é excepção. A mudança é absoluta e a não-mudança relativa. Se não se muda para bem, muda-se para mal; não mudar é coisa impossível.

Ao princípio, eu tinha apenas uma compreensão extremamente simplista desta questão de «mudar». Eu dizia

para comigo que se os camponeses pobres e médios da camada inferior me tinham eleito presidente do comité revolucionário da brigada e membro permanente do comité revolucionário do distrito, é porque tinham confiança em mim, e que em consequência disso eu conservaria firmemente o poder e exercê-lo-ia para benefício deles, sem nunca mudar em caso nenhum. Eu dizia igualmente para comigo que tinha sido feito para ser revolucionário, porque nasci numa família de camponeses pobres que sofreu enormemente na antiga sociedade e que lhe conserva um ódio profundo. A minha mãe é de há longa data membro do Partido. Quanto a mim fui admitido no Partido com 18 anos. Nasci por assim dizer num berço da revolução, para em seguida ser educado sob a bandeira vermelha. E particularmente, durante a Grande Revolução cultural proletária, com o precioso livrinho vermelho na mão, segui a linha revolucionária do presidente Mao com os camponeses pobres e médios da camada inferior, o que me permitiu temperar-me. Agora, pode-se em qualquer lugar ser educado pelo pensamento de Mao Tsé-tung, escutando rádio, lendo os jornais, etc. Além disso, as responsabilidades que assumo na brigada e no distrito não me impedem de continuar a trabalhar com os membros da brigada e os assuntos do distrito não me tomam no máximo mais de dois ou três meses por ano, de modo que, dando muita atenção a isso, eu pensava que não corria o risco de mudar.

Todavia, as coisas no mundo não são assim tão simples. O nosso grande dirigente, o presidente Mao, ensina-nos: «... **todo o aspecto contraditório se converte, em condições determinadas, no seu contrário.»** Isto é o que há de mais verdadeiro, e algumas coisas que se passaram desde que assumi este trabalho de direcção

permitiram-me inteirar-me profundamente disso. No gabinete da brigada, há apenas uma cadeira, os restantes são bancos. Antigamente, ninguém tomava atenção em quem se sentava nela, mas com o tempo, como tinha apanhado hábito de me sentar lá, desde que eu pusesse os pés na sala, esta cadeira estava-me reservada obrigatoriamente. Eu dizia para mim nesse momento que tinha o direito de me sentar lá, porque entre os 1800 habitantes da brigada, sempre era eu o chefe. O que era mau, é que eu tinha associado a minha situação de chefe à cadeira; não era isso o nascimento de um sentimento de superioridade gerado pelo facto de ser um quadro? Outra coisa ainda: quando ao princípio eu ia ao distrito por causa de tarefas, os camaradas chamavam-me: «Pequeno Piao» e isso dava-me prazer, pois eu tinha só 23 anos. Mas, como eu aparecia cada vez mais frequentemente, alguns começaram a chamar-me «membro do comité» ou «dirigente». Ao princípio, eu corava, porque estes nomes deixavam-me pouco à vontade, chocavam-me mesmo. Mas à medida que os dias passavam, acomodei-me a isso, e quando os camponeses pobres e médios da camada inferior me atiravam amigavelmente o nome de «Pequeno Piao», não somente eu já não via nisso uma familiaridade afectuosa, como ficava aborrecido com isso.

Preferir a cadeira em vez dos bancos, e o nome de «membro do comité» em vez de «Pequeno Piao», tudo isto provava que efectivamente eu começava a mudar. Por esta mudança imperceptível, eu já me tinha colocado num outro pé em relação às massas.

Há ainda outra coisa que foi para mim uma grande lição. Um dia, eu estava de serviço no distrito, quando a brigada executava trabalhos hidráulicos. A terra gelada

estava tão dura, que cada golpe de enxadão não fazia mais que arranhar a terra, e o trabalho avançava com uma lentidão exasperante. Como seria bom se se empregasse dinamite! Tinha-me posto logo em contacto com os serviços interessados, que me forneceram uma carroça de dinamite e detonadores por 1500 yuans. Tinha telefonado logo à brigada para que me enviassem imediatamente uma carroça. Não era ainda de dia quando chegava à brigada. Mas mal íamos descarregar, apareceu o presidente da Associação dos camponeses pobres e médios da camada inferior que se opôs: «Larga isso tudo! Quem te disse para comprar a dinamite?» perguntou-me ele. «Ninguém», respondi eu. «Discutiste isso com alguém?», prosseguiu ele. «Não, eu próprio tomei a decisão», respondi-lhe eu dizendo para mim que enquanto presidente do comité revolucionário da brigada, tinha do mesmo modo o direito de decidir quando se tratava de um assunto de tão pouca importância! Ele fez-me então outra pergunta: «Já foste visitar Tatchai (uma brigada de produção do distrito de Siyang, província de Chansi que foi considerada no nosso país como um modelo para a edificação de um campo novo, socialista, trabalhando duramente, segundo o princípio de contar com as suas próprias forças. O presidente Mao lançou, em comformidade, o grande apelo: **«Que a agricultura tome como exemplo a brigada de produção de Tatchai»** — N. D. T. F.), será à dinamite que esta brigada deve a sua reputação? Tive de reconhecer que não. Ele pronunciou então estas palavras cheias de sentido: «Pequeno Piao, não é o gastar esses 1500 yuans que nos faz sofrer, o que nos inquieta é que com a dinamite tu arriscas fazer perder à nossa brigada o seu espírito de contar com as suas próprias forças, o mesmo espírito que

anima a brigada de Tatchai, tal como o de trabalhar duramente.»

Esta crítica aguda foi para mim uma grande lição, mas eu não podia expulsar a ideia de que tinha perdido a honra perante tanta gente. No caminho de volta, mergulhado nos meus pensamentos, lembrei-me do grande ensinamento do presidente Mao: **«O poder quem no-lo deu? Foi a classe operária, foram os camponeses pobres e médios da camada inferior, foram as massas trabalhadoras que formam mais de 90 por cento da população.»** Com efeito, o meu poder, foram os camponeses pobres e médios da camada inferior que mo-lo tinham dado. E eu só tinha verdadeiramente o poder quando agia de acordo com o pensamento de Mao Tsé-tung e o desejo dos camponeses pobres e médios da camada inferior. A minha primeira reacção, a saber que pensava ter o direito de decidir e que tinha perdido a honra, quando tinha agido contrariamente ao desejo dos camponeses pobres e médios da camada inferior e ao pensamento de Mao Tsé-tung, tudo isto não provava que eu «mudava»? Lembrava-me de que no início da minha ascensão ao posto de presidente do comité revolucionário da brigada, mesmo quando as massas queriam comprar uma transplantadora de arroz que não custava mais de 40 yuans, eu tinha pedido conselho a bastantes pessoas e tinha discutido o assunto várias vezes com os quadros da brigada e das equipas de produção. Ora, agora que se tratava de uma soma tão importante, eu tomava sozinho a decisão e pensava ainda por cima ter perdido a honra porque as massas me criticavam. Tudo isto não era uma prova de que eu tinha mudado ao ponto de me separar das massas, e que aos meus olhos as massas já não

contavam? Se eu continuasse neste caminho, caminhava seguramente para a minha própria perda.

A mudança que se produzia em mim em resultado da mudança da minha situação manifestava-se em particular nos meus sentimentos, o que era o primeiro passo para a mudança no plano ideológico. Houve duas coisas, neste assunto, que acordaram a minha vigilância. Uma vez, ao entrar no escritório da brigada, vi o camarada Wang Hai que me esperava, sentado à buda, de pés nus, em cima da minha secretária. «Ouve, se te queres sentar, há igualmente assentos, aí estão maneiras!» Pouco à vontade, o camarada Wang Hai preferiu ir-se embora. A sua partida deixou-me pouco à vontade e uma luta interior travou-se dentro de mim. Eu dizia para comigo que nós éramos membros da mesma brigada de produção, da mesma secção de milícia, que durante a Grande Revolução cultural tínhamos combatido juntos, e agora eu exigia dele «boas maneiras»? Que género de «boas maneiras» queria eu afinal de contas? Outra vez, quando ao voltar de uma reunião do distrito, estava a começar a comer, a avó Yu da equipa n.º 1 veio procurar-me para me dizer que o filho estava doente, pedindo-me para o ir ver. Não me incomodei imediatamente e alguns instantes mais tarde, ela voltou a insistir. Senti-me envergonhado, a ponto do arroz parecer ranger como areia na minha boca, era impossível engolir mais. Ia imediatamente tomar disposições para tratarem do filho. Este caso lembrou-me uma coisa parecida que se tinha passado no Inverno de 1966. Uma noite, eu estava igualmente a começar a comer ao voltar dos campos quando o meu irmão me informou que a avó Suen estava doente. Não tinha esperado ter acabado a minha refeição para ir procurar um médico e comprar os medicamentos. E quando

tudo ficou resolvido, era perto da meia-noite, eu tinha os pés gelados, mas sentia-me feliz. Assim enquanto simples membro da brigada, eu tinha manifestado uma tal devoção pelos camponeses pobres e médios da camada inferior, e agora que era presidente do comité revolucionário, os meus sentimentos para com os meus irmãos de classe arrefeciam, não era isto mudar?

O presidente Mao ensina-nos: **«Na sociedade de classes, cada homem ocupa uma posição de classe determinada e não existe nenhum pensamento que não tenha uma marca de classe.»** Pelo facto de ter nascido numa família de camponeses pobres e de ter crescido sob a bandeira vermelha, não vivo menos numa sociedade de classes. Por um lado, com a educação do Partido, assimilei o pensamento de Mao Tsé-tung; por outro, coisas perniciosas, burguesas não puderam deixar de me marcar em larga medida. Em consequência disso, uma luta entre o interesse comum e o interesse privado prosseguiu em mim acerca deste problema fundamental que é a concepção do mundo, e estas contradições desenvolvem-se em mim que passei de simples membro da brigada de produção a um detentor do poder, em novas condições, e transformam-se uma na outra. Encontrava-me pois face a dois aspectos: progresso por um lado, recuo por outro. Eu evoluía no sentido do progresso e o interesse comum tomava a dianteira, quando conseguia estudar conscienciosamente o pensamento de Mao Tsé-tung, quando lutava conscienciosamente contra o egoismo e criticava o revisionismo e reformava a minha concepção do mundo; pelo contrário, eu recuava e o interesse privado tomava a dianteira, quando afrouxava os meus esforços para a minha transformação ideológica. Isto fez-me compreender profundamente que só nos tornamos revolucionários

pelos nossos esforços conscientes e nunca unicamente devido às nossas origens. A afirmação segundo a qual se nasce revolucionário nega de facto a luta entre as contradições e a sua transformação uma na outra, nega de facto a necessidade da transformação ideológica.

O nosso grande dirigente, o presidente Mao ensina-nos: «Ela [a dialéctica materialista] **considera que as causas externas constituem a condição das mudanças, que as causas internas são a sua base, e que as causas externas operam por intermédio das causas internas.»** A prática fez-me compreender que as condições objectivas são importantes para a mudança das ideias do homem, sem contudo serem absolutas, porque as causas externas não podem produzir o seu efeito senão por intermédio das causas internas. Por exemplo, duas espécies de condições objectivas de mudança apareceram para mim desde que de simples membro da brigada subi a um certo lugar de direcção: por um lado tenho mais ocasiões de estudar, a possibilidade de tomar rapidamente conhecimento dos documentos vindos das autoridades superiores, a possibilidade de beneficiar da ajuda e dos conselhos dos dirigentes e dos camaradas, o que é favorável para compreender o espírito das instruções; aí estão as condições que favorecem a minha evolução no sentido positivo. Por outro lado, atendendo à minha nova situação, estou em evidência em ocasiões cada vez mais numerosas, as pessoas lisonjeiam-me, tenho de consagrar mais tempo que antigamente às reuniões ou a escutar os relatórios, o que reduz outro tanto o tempo que eu consagrava normalmente ao trabalho colectivo. Isto tem o risco de fazer de mim uma espécie de erva aquática, flutuando por cima do trabalho em lugar de mergulhar nele as suas raízes, e constitui o

lado nocivo de forma a fazer-me evoluir no sentido negativo. Um revolucionário autêntico deve armar o espírito com o brilhante pensamento filosófico do presidente Mao, elevar a sua consciência da necessidade de prosseguir a revolução, aplicar a sua actividade subjectiva, adoptar uma justa atitude para com as condições materiais, analisá-las, aproveitá-las e transformar as desfavoráveis em favoráveis.

Citemos como exemplo a questão da relação entre as reuniões e a participação no trabalho produtivo. Sem fazer reuniões, é impossível propagar e aplicar as medidas políticas do Partido, o que tem influência no trabalho, e não participando no trabalho produtivo, separamo-nos das massas, e com o tempo tornamo-nos preguiçosos, gulosos, esforçamo-nos por nos apropriar dos bens da comunidade, por encher os bolsos e finalmente mudamos. É uma contradição querer ao mesmo tempo fazer reuniões e participar no trabalho produtivo. Para a resolver, aproveito cada minuto para participar no trabalho dos campos; por outro lado, no que diz respeito à gestão da brigada, fixo como meu princípio ocupar-me unicamente dos assuntos importantes, de modo que haja uma boa divisão de trabalho e que nenhum domínio seja negligenciado. Assim, a equipa dirigente encontra-se desembaraçada de mil pequenos trabalhos de rotina e tem mais tempo disponível para participar no trabalho de produção agrícola.

Um outro exemplo. Por causa do meu papel de dirigente e das exigências do trabalho, pedem-me muitas vezes para tomar lugar na tribuna. Ao princípio, tinha medo que isso me separasse das massas e tentava por isso recusar. Mas compreendi depois que em qualquer reunião, é necessário que haja pessoas que se instalem

na tribuna, e que a questão de se separar ou não das massas depende de saber se as massas contam ou não para nós. O que é perigoso, não é estar na tribuna, mas não ter em vista o interesse das massas. Da mesma maneira mudar de situação para se tornar dirigente não tem nada de perigoso em si; o perigo, é pôr-se a procurar o fausto e a fama, considerar como privilégios ligados às funções as facilidades de que se beneficia em razão do seu trabalho, considerar-se superior aos outros pelo próprio facto da divisão de trabalho. É aí justamente que está o começo da «evolução pacífica» para o capitalismo. Em consequência, a nossa atitude deve ser encarar as condições tendo em conta os dois aspectos da contradição, o aspecto positivo e o aspecto negativo, é unicamente assim que se pode estar seguro de evoluir no sentido favorável à revolução.

O presidente Mao ensina-nos: **«No plano ideológico, a questão de saber quem vencerá, o proletariado ou a burguesia, não está ainda verdadeiramente resolvida. Nós temos que manter um longo combate contra a ideologia burguesa e pequeno-burguesa. Seria um erro não compreender isto, renunciar à luta ideológica.»** Seja qual for o sentido em que mudem as nossas ideias, é um reflexo da luta aguda que se trava na sociedade entre as duas classes e as duas concepções do mundo no plano ideológico. Numa tal luta, nós, os revolucionários, devemos adoptar uma atitude activa, de ofensiva, vencer as ideias burguesas com o pensamento de Mao Tsé-tung, para exercer a ditadura do proletariado no domínio ideológico e político. Nós devemos estudar a fundo o pensamento de Mao Tsé-tung, armar o nosso espírito com as teorias do presidente Mao sobre a continuação da revolução sob a ditadura do proletariado, lutar contra o

egoísmo e criticar o rivisionismo e transformar conscientemente a nossa concepção do mundo. É somente assim que os homens não se tornarão revisionistas e que o poder não mudará de cor. Em particular, na situação actual em que nós alcançámos grandes vitórias, devemos, por meio da dialéctica materialista que quer que tenhamos em conta os aspectos positivo e negativo de uma mesma contradição, descobrir as novas correntes da luta de classes, permanecer vigilantes para resistir às balas envolvidas em açúcar que os inimigos procuram lançar-nos a cada instante. Devemos habituar-nos a forjar-nos no meio das invectivas e saber evitar igualmente a nossa própria queda no meio dos aplausos.

ESTABELECER NOVOS RECORDES OU CONSERVAR UNICAMENTE O TÍTULO DE VANGUARDA

Por Tchen Chang-yeu, da Fábrica de motores de corrente contínua de Changai.

À luz da linha revolucionária proletária do presidente Mao, a nossa fábrica distinguiu-se desde 1968 tanto na revolução como na produção e acumulou igualmente um pouco de experiência no movimento da luta-crítica-reforma. Foi então que apareceu a questão de saber que atitude adoptar em relação aos elogios dos escalões superiores e da propaganda feita a nosso respeito pela imprensa e pela rádio. As massas e os dirigentes da fábrica viam a coisa diferentemente e a posição não era também a mesma.

Alguns camaradas experimentavam uma verdadeira alegria: «Desde que se abre a rádio, ouve-se falar das nossas façanhas. Metade do mundo deve estar ao corrente delas!»

Outros, mais prudentes, diziam: «Doravante, será necessário agir com mais precaução no trabalho, e reflectir três vezes antes de falar quando nos convidarem a

tomar a palavra lá fora, porque a mínima falha poderá ter consequências deploráveis!»

Mas a maior parte dos camaradas, e particularmente as largas massas, exigiam que se perseverasse na revolução, isto é que se prosseguisse obstinadamente o combate fazendo o balanço do trabalho, persistindo no que se tinha revelado bom, remediando as falhas e dando mais amplitude ao movimento de massas para o estudo do pensamento de Mao Tsé-tung, de acordo com a tarefa de combate formulada pelo IX Congresso do Partido.

A suficiência perante os sucessos obtidos foi, desde a sua aparição, criticada pelas massas: «Não se encham assim de orgulho, vocês vão atirar-se ao chão!» Todavia, a opinião era partilhada quanto à segunda atitude: «Não há nada de mal querer conservar o nosso título de empreendedores de vanguarda!» Mas, depois de uma análise aprofundada, concluiu-se que afinal de contas estas duas atitudes não diferiam senão pela sua maneira de se exprimir, porque os que repousavam sobre os seus louros e se deixavam arrastar pelo orgulho queriam «viver» do que se tinha feito e já não pensavam em progredir, e os que só pensavam em conservar o título de vanguarda agarravam-se aos sucessos e não ousavam avançar mais. Tanto uns como os outros consideravam os sucessos alcançados pelas massas sob a direcção do presidente Mao como bens privados e não como um novo ponto de partida na continuação da revolução.

Era necessário limitar-se a conservar este título de vanguarda ou executar novas façanhas? Uma grande discussão teve lugar na fábrica acerca desse assunto em todos os escalões para aplicar melhor ainda o espírito do IX Congresso do Partido.

A discussão permitiu esclarecer esta questão. O que é avançado e o que é atrasado não existem senão pela comparação entre um e outro. Não se poria o problema de existir o atrasado sem existir o avançado, e vice-versa. Em condições determinadas, **«eles opõem-se por um lado um ao outro e, por outro lado, estão ligados mutuamente, impregnam-se reciprocamente, interpenetram-se e dependem um do outro»**. Mais, **«a questão não se limita ao facto de que os dois aspectos da contradição se condicionam mutuamente; o que é ainda mais importante, é que eles se convertem um no outro»**. Isto é, o avançado e o atrasado não ficarão paralisados e imutáveis; o avançado pode-se transformar em atrasado, e o contrário pode igualmente produzir-se.

Limitar-se a conservar o título de vanguarda ou executar novas façanhas é, de facto, uma luta entre duas concepções do mundo.

O primeiro ponto de vista é metafísico; ele leva a negar a existência das contradições ou a procurar iludi-las, a «camuflá-las» para conservar o título de vanguarda, e o resultado é necessariamente que se acaba por manter uma situação atrasada.

O segundo é um ponto de vista dialéctico materialista, que consiste em admitir as contradições, em mobilizar as massas para as resolver activamente e em fazer aparecer uma transformação revolucionária nas coisas, e realizando assim novas façanhas, resolvendo continuamente as contradições.

Isto, nós compreendemo-lo profundamente na nossa fábrica, através da nossa experiência. Depois da fundação do Comité Revolucionário da nossa fábrica em Dezembro de 1977, aplicando estritamente as grandes medidas estratégicas do presidente Mao, tínhamos alcan-

çado vários meses seguidos sucessos tanto no domínio da revolução como no da produção. Se nos tivéssemos então conformado com o ponto de vista que consiste em limitar-nos a conservar o título de vanguarda, poderíamos ter sido levados a «carregar no travão» naqueles domínios. E encontravam-se com efeito camaradas que tinham tendência para renunciar a ir decididamente em frente. Mas nós tínhamos estigmatizado firmemente esta mentalidade de cobardes e de preguiçosos que se resumia a isto: «distinguir-se comporta riscos, ficar na cauda é muito perigoso, o mais seguro é estar entre os dois», o que significa de facto marcar passo no mesmo lugar. Tendo examinado a nossa situação e a deslocação que ela acusava em relação às grandes medidas estratégicas do presidente Mao, continuámos a aplicar estas de uma maneira ainda mais estrita. Cada vez que uma nova directiva do presidente Mao era tornada pública, nós estudávamo-la na própria noite e aplicávamo-la logo, e organizávamos continuamente diversas espécies de estágios de estudo do pensamento de Mao Tsé-tung, para criar uma atmosfera política mais proletária onde se pudesse desenvolver plenamente o ardor revolucionário. Desencadeado o combate para o saneamento das fileiras de classe, as vitórias sucediam-se, e as massas estavam muito entusiasmadas. Nesse momento, resolvemos dedicar a maior atenção à aplicação das medidas políticas do Partido. Segundo o ponto de vista de se contentar em conervar o título de vanguarda, seria necessário «esperar, evitar distinguir-se para não ter de correr riscos». Ora, nós não agimos segundo uma tal filosofia que depende do conservadorismo mas segundo os ensinamentos que o presidente Mao nunca deixou de nos dar. Os dirigentes da fábrica, em todos os escalões, penetra-

ram nas massas e estudaram com elas as medidas políticas do Partido, aplicaram plenamente o centralismo democrático proletário, aplicaram o sistema de **«ligar a direcção às massas»**, o que permitiu estabelecer uma estrita distinção entre as duas espécies de contradições de caracteres diferentes e aplicar firmemente a política **«o campo dos nossos ataques deve ser reduzido e o da educação alargado»;** foi assim que o trabalho de saneamento das fileiras da classe se desenvolve de maneira sã.

A história da nossa fábrica ensina-nos que o título de vanguarda não se obtém através de medidas para salvaguardar o adquirido, mas pela criação inspirando-se no pensamento de Mao Tsé-tung. Não procurar senão conservar o título de vanguarda, é esquecer como o obtivemos, e perder o espírito revolucionário proletário, o mais precioso de tudo, que tinha permitido a obtenção desse título.

Tal foi o caso outrora, tal é ainda no presente. No que toca à nossa fábrica no momento actual, se ela é uma empresa de vanguarda, é-o por comparação com o seu estado atrasado de outrora, por comparação com outras empresas que até agora não sairam ainda desse estado. Contudo, se a comparamos com numerosas empresas avançadas e com a situação da revolução que evolui com uma marcha vertiginosa, ela está muito atrasada. E até, ao compará-la com empresas que se encontram momentaneamente num estado atrasado, ela cede-lhes ainda em muitos pontos. E, se a compararmos com as tarefas de combate formuladas pelo IX Congresso do Partido, com a missão histórica **«da abolição da face do globo do sistema de exploração do homem pelo homem, que trará a emancipação de toda a huma-**

nidade», que nós, o proletariado, assumimos, o seu atraso revela-se de maneira incrível. Não seria pois absurdo não pensar senão em conservar o título de vanguarda, com o pouco sucesso que alcançámos?

A situação nas diferentes unidades da nossa fábrica não é de maneira nenhuma parecida, e evolui continuamente. Há uma oficina que, depois de ter avançado num dado momento, está agora comparativamente atrasada, enquanto que uma outra, atrasada antes, está hoje avançada. Porquê esta mudança? O que as diferenciou essencialmente, é que uma dedicou-se a executar novas façanhas, enquanto que outra limitou-se a querer conservar o seu título de vanguarda. Perante todos os louvores, a que era avançada pensou que a prudência lhe permitiria conservar o seu título de oficina avançada; resultado, tornou-se atrasada; a outra, dispendendo todos os seus esforços, tomou corajosamente a via de executar novas façanhas em conformidade com os ensinamentos do presidente Mao, resultou daí que uma transformação revolucionária se operou e que ela suplantou a outra. Como conservar o título de vanguarda a marcar passo enquanto que as massas desejam que se avance a passos largos? Marcando assim passo, acaba-se por se acomodar ao que está atrasado e impedir de aparecer o que está adiantado. Aliás, os esforços para conservar o título de vanguarda não podem durar mais que algum tempo, as massas acabarão cedo ou tarde por romper os limites que lhes são impostos para prosseguir corajosamente a sua marcha segundo a linha revolucionária proletária do presidente Mao. Sob o ângulo das leis da luta de classes, a questão de executar novas façanhas ou de se esforçar por conservar o título de vanguarda reconduz afinal de contas à de saber se se toma ou não a inicia-

tiva de atacar na luta travada pelo proletariado contra a burguesia.

«A árvore quer calma, mas o vento não passa a soprar menos.» A luta de classes existe objectivamente, independentemente da vontade do homem. Nós, o proria que nunca conheceu a história da humanidade, não letariado, a classe mais prestigiosa, mais revolucionápodemos fazer como a árvore que quer a calma, é-nos necessário agir como o vento que sopra apesar de tudo, isto é deter firmemente a iniciativa na luta de classes para que se possa desencadear em toda a sua força o vento de Leste do pensamento de Mao Tsé-tung. Vocês descurarão travar a luta de classes, ou esquecê-lo-ão mesmo completamente, com o único fim de conservar o título de vanguarda, pois bem, a burguesia e o punhado de inimigos de classe não pediriam mais! Abandonar a ofensiva contra os inimigos de classe, é ceder-lhes terreno, é o que lhe permitiria dar livre curso às suas actividades. Há algum tempo, manifestou-se nos camaradas de algumas oficinas, a atitude de se contentar em conservar o título de vanguarda e o desejo de repousar um pouco, eles negligenciavam ocupar-se destas questões urgentes, e foi então que um punhado de inimigos de classe se aproveitaram disso para retomar as suas actividades. Alguns criavam decididamente distúrbios, outros encaminhavam às escondidas para a anarquia. O inimigo nunca se esquece de passar ao ataque contra o proletariado. Quanto mais se temem as contradições, mais haverá; quanto mais se procura viver em paz, mais perturbações existirão.

Depois de ter feito conscienciosamente o balanço do trabalho do período precedente, nós habituámo-nos a aplicar ainda melhor as tarefas de combate formuladas

3

no IX Congresso do Partido, e desencadeámos uma ofensiva sem tréguas contra o punhado de inimigos de classe e criticámos sem cessar a burguesia. Ao mesmo tempo, ocupámo-nos particularmente da questão da revolucionarização ideológica da equipa dirigente e criticámos toda a espécie de ideias não proletárias, tais como a satisfação, o afrouxamento dos esforços, o espírito de se contentar com o estado actual de coisas; aplicámos de maneira consequente o sistema de participação dos quadros na produção socialista, para implantar entre todos a concepção do mundo de prosseguir a revolução sob a ditadura do proletariado. Por outro lado, organizámos todo o pessoal da fábrica para que ele estude as teorias do presidente Mao sobre a continuação da revolução sob a ditadura do proletariado, encorajámos por todos os meios o desenvolvimento das façanhas, das ideias e das experiências avançadas entre as massas, para que as unidades atrasadas alcancem as avançadas, e que estas últimas façam novos progressos, e é assim que em toda a fábrica reina uma atmosfera de entusismo tanto no domínio da revolução como no da produção.

As nossas discussões e a nossa prática fizeram-nos chegar a esta conclusão: Executar novas façanhas é prosseguir a revolução; não procurar senão conservar o título de vanguarda, é de facto pôr-lhe um ponto final. Elevar-nos ao nível de vanguarda não é para nós, combatentes revolucionários proletários, o fim dos nossos esforços. O nosso fim é fazer progredir a revolução na China e no mundo. Por consequência, nós temos de executar novas façanhas e não concentrar os nossos esforços para conservar um título de vanguarda!

A DIALÉCTICA APLICADA À CONSTRUÇÃO DE UM CARGUEIRO DE 10 000 TONELADAS

Pelo Grupo operário de estudos filosóficos
do Estaleiro naval de Sinkang em Tientsin.

Inspirados pelo espírito do IX Congresso do Partido, os operários revolucionários do nosso Estaleiro naval de Sinkang estudam e esforçam-se por materializar a doutrina filosófica do presidente Mao e desfraldam o intrépido espírito revolucionário proletário. Assim eles conseguiram construir com sucesso um cargueiro de 10 000 toneladas numa doca para barco de 5000 toneladas.

Este acontecimento confirma mais uma vez esta verdade incontestável: **«De todos os bens do mundo, o homem é o mais precioso. Enquanto houver homens, milagres de toda a espécie poderão ser realizados sob a direcção do Partido Comunista.»**

Que a tonelagem do navio deve corresponder à doca em que ele vai ser construído é um facto admitido correntemente. O nosso estaleiro naval apenas dispõe de um estaleiro para barcos de 5000 toneladas. É possível construir lá um cargueiro de 10 000 toneladas?

Alguns abanaram a cabeça: «É correr riscos!»

Outros riram na nossa cara: «É uma loucura!»

Aos olhos dos «especialistas» e das «sumidades» burguesas que só têm culto pelos conhecimentos livrescos estrangeiros, é ainda mais inconcebível.

Mas os construtores revolucionários disseram, bem resolutos: «Armados do invencível pensamento de Mao Tsé-tung, conseguiremos construir um navio de 10 000 toneladas num estaleiro para barcos de 5000 toneladas.»

Para qualquer empresa, incluindo a construção naval, é necessário ter em conta as condições objectivas. Contudo, o material é uma coisa inerte, enquanto que o homem é um ser animado. Se assimilarmos a dialéctica materialista do presidente Mao, se valorizarmos plenamente a nossa iniciativa subjectiva, poderemos criar condições novas. O nosso grande dirigente, o presidente Mao, indicou: **«Ninguém deve dar livre curso a ideias sem fundamento, elaborar planos de acção que vão além das condições objectivas, e tentar empreender apesar de tudo o que é de facto impossível. Mas, o problema que se põe hoje é sempre o da acção nefasta das ideias conservadoras de direita que, em numerosos domínios, impede a adaptação do trabalho ao desenvolvimento das condições objectivas. Actualmente o problema é que muitas pessoas julgam impossível executar o que poderia ser executado com alguns esforços.»** Os que julgam impossível construir um cargueiro de 10 000 toneladas num estaleiro para barcos de 5000 toneladas, têm em conta, de facto, apenas o factor material e as condições tais como existem objectivamente, mas não o homem e as condições em constante evolução. A sua maneira de encarar as coisas é o oposto da dialéctica materialista.

A construção de cargueiros de 10 000 toneladas é destinada a responder às necessidades da causa revolucionária socialista. Se nos referimos tanto a desenvolver a construção naval e fabricar numerosos barcos, é para edificar, nos anos que hão-de vir, uma poderosa força de transporte marítimo e de combate. É esse o nosso dever revolucionário e nós, os construtores, não nos podíamos furtar a isso. Contudo Liu Chao-chi, esse renegado, agente do inimigo e traidor à classe operária, opunha-se raivosamente, desde há muito tempo, à linha revolucionária proletária do presidente Mao. Ele propagou aos quatros ventos a filosofia «compradora» de servilismo perante o estrangeiro e enalteceu a atitude de se arrastar atrás dos outros, preconizando o seguinte: «No que diz respeito aos barcos, a compra vale mais que a construção, e o fretamento é preferível à compra.» Ele tentava desta maneira atar os operários de pés e mãos, na vã tentativa de dar carta branca ao imperialismo e ao revisionismo moderno para nos levar pelo beiço. No decurso da Grande Revolução cultural proletária, estudámos conscienciosamente este grande conceito do presidente Mao: **«Independência e autonomia, contar com as próprias forças.»** Fervendo de indignação, criticámos impiedosamente a linha revisionista contra-revolucionária de Liu Chao-chi e tomámos a decisão de desenvolver a nossa construção naval contando com as nossas próprias forças e segundo o princípio de quantidade, rapidez, qualidade e economia. Nós, os operários, tomámos esta resolução, e somos inteiramente capazes de a manter.

Se se quer construir um cargueiro de 10 000 toneladas num estaleiro para barcos de 5000 toneladas, à primeira vista as condições materiais objectivas são difí-

ceis. O comprimento útil do estaleiro de uma tal tonelagem é de 117 m, a sua largura útil de 17 m, e a carga útil de 2400 toneladas, enquanto o comprimento de um cargueiro de 10 000 toneladas é pelo menos de 140 m, a sua largura de mais de 18 m, e o peso do seu casco de mais de 3 000 toneladas. Como resolver estas contradições? Que importa que o casco seja demasiado comprido, quando muito, a proa do barco ultrapassará o estaleiro e a popa estará na água; que o casco seja demasiado largo, também não é nada de terrível, quando muito seremos um pouco incomodados no nosso trabalho. Mas, o facto do peso do casco dum cargueiro de 10 000 toneladas ultrapassar em cerca de 1000 toneladas a capacidade de carga do estaleiro constitui um problema-chave que é necessário resolver a todo o preço; de outro modo, é inútil falar da construção de um cargueiro de 10 000 toneladas.

O presidente Mao ensinou-nos: **«A liberdade é o conhecimento da necessidade e transformação do mundo objectivo.»** Para resolver este problema-chave, em primeiro lugar, analisámos cientificamente o estaleiro. Ao mesmo tempo que se aumenta o peso do casco, aumenta a pressão que ele exerce sobre o estaleiro. Se se aumentam os pontos de apoio que suportam o casco, a pressão sobre o estaleiro poderia estar dividida por outros tantos pontos e a questão resolvida. Tomemos como exemplo um pontão que cai. Se ele cai com a ponta para baixo, enterra-se na terra. Mas, se ele cai com o cabo para baixo, não se pode enterrar, ainda que o seu peso continúe o mesmo. Isto quer dizer que quanto mais pequena for a parte do contacto, maior é a pressão, e vice-versa. Foi segundo este princípio que nós transformámos as condições da pressão exercida sobre

o estaleiro. Após minuciosos exames e cálculos, colocámos mais suportes no estaleiro para aumentar a superfície de contacto. Para garantir ainda mais eficazmente que o estaleiro não cedesse, consolidámos, sob forte pressão, com cimento a parte do estaleiro que tem de suportar o maior peso. Os seus alicerces foram assim reforçados. A prática provou que se aplicarmos os ensinamentos do presidente Mao, agiremos de modo que o estaleiro esteja de acordo com as nossas necessidades, e se utilizarmos plenamente a nossa iniciativa subjectiva, poderemos transformar as condições objectivas.

Para construir o cargueiro de 10 000 toneladas num estaleiro para barcos de 5000 toneladas, tivemos de pôr em estado de funcionar planos de construção relacionados directamente com as características do estaleiro. Era necessário um equipamento de grandes dimensões, mas não o tínhamos. Tudo isto constituía evidentemente factores desfavoráveis que nos reduziam à passividade. Mas, **«os que estão em estado de inferioridade e se encontram na passividade podem tirar a iniciativa e a vitória aos que detêm a superioridade de forças e a iniciativa, se, apoiando-se na situação real, eles desenvolverem uma grande actividade subjectiva para criar algumas condições indispensáveis».**

Nós, os operários, possuímos uma experiência rica; compreendemos perfeitamente as características de um estaleiro para barcos de 5000 toneladas. Fazendo uma síntese científica da nossa experiência, podemos chegar a fazer os planos de um cargueiro de 10 000 toneladas, que estejam de acordo com a prática. Assim, formámos um grupo de planeamento de tripla união tendo como força principal os operários e, como participantes, quadros dirigentes revolucionários e técnicos. Em todos os

ramos do trabalho, operários veteranos e experimentados foram seleccionados para tomar parte no projecto. Assim, os operários de diversos ramos foram postos ao corrente de todo o conjunto do projecto, ao mesmo tempo que compreenderam claramente as tarefas específicas que tinham de assumir nele. A velha rotina segundo a qual os «especialistas» se ocupam da concepção e os operários só participam no trabalho manual foi completamente quebrada. A classe operária demonstrou a sua inteligência e o seu talento participando na concepção. A sabedoria e os esforços da colectividade conjugavam-se nela. Resultado: apenas em dois meses, elaborámos os planos do casco, ou seja uma tarefa que os «especialistas» e «sumidades» burgueses tinham levado, outrora, um ou dois anos a cumprir. Para resolver a questão da colocação no estaleiro nós estabelecemos apenas nove operários em vez da centena que tinha sido necessária. O plano da linha do casco foi terminado em 18 dias, e os cálculos para todos os materiais necessários para a construção, em muito pouco tempo.

Para construir um cargueiro de 10 000 toneladas, é indispensável uma grande grua de 75 toneladas. Mas nós só tínhamos uma grua de 40 toneladas no estaleiro. Em circunstâncias vulgares, o casco de um tal cargueiro tinha de se dividir em 50 ou 60 partes a construir separadamente. Um grua de 40 toneladas não pode levantar peças tão pesadas. No conjunto, as circunstâncias estavam então contra nós. Mas pelo método que consiste em dividir uma grande parte em pequenas, separámos o casco numa centena de secções que reunimos com a grua. Assim teríamos a superioridade absoluta em cada sector determinado, o que assegurou o sucesso da montagem. A hélice é a parte principal de um cargueiro de

10 000 toneladas, de mais de cinco metros de diâmetro e de 13,5 toneladas de peso. Para fabricar uma tão grande peça moldada, é necessário um grande torno vertical que possa trabalhar peças de 6 m de diâmetro; nós não o tínhamos. Persistindo no emprego do método de que «as formigas roem o osso», nós utilizámos com sucesso uma polidora munida de um pequeno instrumento de 20 cm de diâmetro, unicamente para fabricar esta hélice. E finalmente transformámos o nosso estado passivo em estado activo. Através do trabalho árduo e da inteligência dos operários, um cargueiro de 10 000 toneladas fez a sua aparição no estaleiro destinado a um barco de 5000 toneladas.

A construção de um barco é comparável a uma longa gestação, e o seu lançamento, ao dia do parto. Só o lançamento vitorioso pode dar «vida» a um barco, mas isso sempre foi considerado como uma dura «prova». Sobretudo quando se trata de um cargueiro de 10 000 toneladas construído numa doca destinada a um barco de 5000 toneladas. Antes do lançamento, todos os suportes que sustentam o casco devem ser retirados, e o peso total cai sobre os dois canais do estaleiro. Portanto, o problema da sobrecarga foi novamente posto à discussão, sendo fraca a capacidade de carga do estaleiro. Quando se retiram os aparelhos de retenção corre-se o risco de ver o barco ficar imóvel no estaleiro. Um tal acidente já se produziu na história da construção naval.

Como resolver o problema?

O presidente Mao ensina-nos: **«Qualquer que seja a coisa que se empreende, não se pode conhecer as leis**

que a regem, não se sabe como a realizar e não se pode levá-la a bom termo sem que se compreendam as condições, o carácter e as relações com as outras coisas.» Segundo a experiência, quando um objecto se imobiliza um tempo relativamente curto ou quando está em movimento no solo, ele exerce uma pressão menos forte que quando fica relativamente muito tempo ou se imobiliza inteiramente. Para assegurar o sucesso do lançamento de um cargueiro de 10 000 toneladas no mais curto espaço de tempo possível, é-nos necessário conhecer bem a lei do escorregamento e concentrar todos os nossos esforços para resolver esta questão.

Segundo a dialéctica materialista, pode-se descobrir a lei de todas as coisas. Nós podemos encontrar assim a lei do resvalamento quanto ao lançamento de um cargueiro de 10 000 toneladas. O único meio é a prática. Segundo este ensinamento do presidente Mao: **«A prática, o conhecimento, depois novamente a prática e o conhecimento»** e depois das experiências repetidas, nós acabámos com efeito por descobrir a lei do resvalamento e por encontrar a fórmula do lubrificante necessário. Adoptámos uma série de medidas: alongar os canais de estaleiro, reforçar o suporte frontal, prolongar o tempo de flutuamento da popa, o que assegurou o sucesso do lançamento do cargueiro. Através da prática, nós compreendemos profundamente que **«o papel activo do conhecimento não se exprime unicamente pelo salto activo do conhecimento sensível ao conhecimento racional, mas ainda, o que é mais importante, tem de se exprimir pelo salto do conhecimento racional à prática revolucionária».**

«A matéria transforma-se em espírito e o espírito em matéria.» Tendo assimilado o invencível pensamento de Mao Tsé-tung, nós, operários, tornámo-nos mais inteligentes e mais corajosos. Na grande luta para transformar o mundo objectivo e na cena histórica da revolução, podemos dispender uma força inesgotável e realizar acções magníficas, de uma grandeza épica.

O FACTOR DETERMINANTE É O HOMEM

Pelo Grupo de estudos filosóficos dos operários da Vidraria de Tchangtchuen.

Com vista a aplicar em todos os domínios a linha geral que consiste em «**edificar o socialismo segundo os princípios: dispender todos os esforços; ir sempre em frente; quantidade, rapidez, qualidade e economia**», determinada pelo nosso grande dirigente, o presidente Mao, e o seu grande princípio estratégico: «**Preparar-se na previsão de uma guerra e de calamidades naturais, e tudo fazer no interesse do povo**», devemos, servindo-nos como de uma arma do pensamento filosófico do presidente Mao, exaltar plenamente o espírito de iniciativa subjectiva do homem no domínio da produção e regular correctamente a relação entre o homem e o material, a fim de que o movimento de massas para o crescimento da produção e a prática da economia progrida triunfalmente na via do pensamento de Mao Tsé-tung.

CRIAR AS CONDIÇÕES MATERIAIS QUANDO ELAS NÃO EXISTEM

Em 1969, foi confiada à nossa fábrica uma nova tarefa: fabricar uma peça importante, chamada correntemente «um nível de bolha», utilizada em certos aparelhos de precisão. Toda a gente se sentia entusiasmada e estava decidida a fazer o melhor possível para aplicar a grande medida estratégica do presidente Mao: **«Preparar-se na previsão de uma guerra e de calamidades naturais, e tudo fazer no interesse do povo.»** Era exigido a este novo produto que não estalasse nem sob um frio de — 60° nem sob um calor de 50°. Para lhe dar tais perfeições, não se podia pô-lo em estado de funcionar sem as condições seguintes: temperatura constante, ausência total de poeiras e de trepidação. Ora, a oficina de instrumentos de medição não era mais que um compartimento de terra batida que dava para a rua, cujas vidraças tremiam cada vez que um comboio passava; o chão e as paredes eram de terra, as instalações feitas com os meios da casa e o indispensável dispositivo de regularização de temperatura naturalmente não existia. Que fazer na ausência de todas estas condições materiais? Havia quem não visse outro meio senão estender a mão ao Estado, mas a maioria dos camaradas opunha-se a isso e sugeriu que fabricássemos nós próprios o que fosse necessário.

Que o desenvolvimento da produção e o acabamento de novos produtos exigem certas condições materiais, todo o materialista deve necessariamente reconhecê-lo. Unicamente, quando se faz o acabamento de um novo produto, encontramo-nos muitas vezes perante a contradição nascida do facto de que não se dispõe de todas as

condições materiais requeridas. Para os que não sabem senão estender a mão, não se pode empreender o trabalho antes que o Estado tenha feito investimentos e concedido novas instalações e materiais. Estes camaradas andam sempre à roda das condições materiais e não vêem o ilimitado poder criador das massas populares; não compreendem que as condições materiais podem ser criadas pelos homens armados com o pensamento de Mao Tsé-tung. Nós, a classe operária, somos partidários de meter as mãos na massa. Para nós, o elemento decisivo para desenvolver a produção e fazer sair produtos que dependem dos domínios avançados da ciência e da técnica, é o homem e não o material. Tal como o presidente Mao nos ensina: **«Enquanto houver homens, milagres de toda a espécie poderão ser realizados sob a direcção do Partido comunista.»** Foi assim que os camaradas chegaram a declarar: «A condição mais importante de todas, é ter homens armados com o pensamento de Mao Tsé-tung, e o espírito revolucionário de trabalhar sem descanso contando com as suas próprias forças. Se não existem as condições materiais, nós as criaremos!»

Esperar que as condições se encontrem reunidas ou criá-las, eis o que reflecte a luta entre as duas concepções do mundo e as duas linhas. Estender a mão ao Estado e esperar por dispor de todas as condições, é sinal de que o veneno espalhado pela linha revisionista no domínio da gestão de empresas não está ainda completamente eliminado, enquanto que pôr-se ao trabalho e ser o próprio a criar as condições, é a marca do estilo próprio do proletariado, a materialização do grande pensamento do presidente Mao **«contar com as suas próprias forças»**, **«lutar com paciência»** e **«A diligência e**

a economia devem ser... observadas na gestão das fábricas».

Tendo-se elevado a nossa consciência, atirámo-nos imediatamente ao combate pelo acabamento do «nível de bolha». Na ausência de máquinas, fizemos o trabalho à mão, trazendo-lhe inovações; não tendo as máquinas necessárias, fabricámo-las com os meios da casa. Para pôr os nossos «níveis» ao abrigo da poeira, trabalhávamo-los mantendo-os sob uma enorme campânula de vidro. Para realizar as condições de temperatura constante, abríamos as janelas quando fazia demasiado calor, e acendíamos o lume quando fazia demasiado frio. Para evitar as trepidações devidas às vibrações, fixávamos a posição da bolha de noite quando não havia praticamente trânsito na rua. Foi assim que conseguimos acabar os «níveis» de acordo com as normas, criando condições de limpeza onde elas não existiam, condições para uma temperatura constante onde elas variam constantemente e condições de estabilidade apesar das vibrações. Fazendo o balanço dos ensinamentos tirados, todos estiveram de acordo para dizer que a partir do momento em que se conta com as suas próprias forças, estando animado do espírito revolucionário de trabalhar duramente, as condições materiais que fazem falta podem ser criadas; quanto às máquinas construídas com os meios da casa, elas podem igualmente fabricar novos produtos se correspondem às normas científicas e se a sua concepção é racional.

TRANSFORMAR AS CONDIÇÕES DESFAVORÁVEIS EM CONDIÇÕES FAVORÁVEIS

A nossa fábrica é uma velha empresa equipada com instalações e máquinas que datam muitas vezes da época da sua fundação. Com as novas tarefas de produção que se impõem, surgiu uma contradição: as velhas instalações já não estavam à medida de fazer face a novas tarefas. Alguns diziam: «Com instalações como as nossas, faz-se o que se pode.» Eles não pensavam senão em manter as coisas nos limites actuais e não tinham a intenção de dar qualquer contribuição. A seus olhos, era impossível executar novas tarefas de produção industrial sem as condições ideais. Eles viam apenas o lado material, e não o factor humano; não viam o entusiasmo transbordante pelo socialismo que se desenvolvia nas massas, de modo que se sentiam reduzidos à impotência e por consequência não imaginavam o que podiam fazer.

A dialéctica materialista ensina-nos que as contradições podem transformar-se, que é possível transformar condições desfavoráveis em condições favoráveis, uma vez que se empregue a actividade subjectiva do homem. Para nós, revolucionários, o nosso dever é operar esta transformação. Na realidade, acontece muitas vezes que basta, no processo da produção, reflectir um pouco mais, pôr mãos à obra, proceder a renovações técnicas, melhorar a tecnologia e a gestão, para aumentar a produção e aperfeiçoar a qualidade de maneira sensível. A transformação do nosso velho forno em cuba é disso prova eloquente.

Antes da Grande Revolução cultural proletária, a nossa fábrica tinha dispendido mais de 600 000 yuans

com a construção de um forno em cuba para fabricar ampolas de amperómetros. A ideia que tinha presidido à sua concepção tendo sido a de fazer dele uma instalação ultramoderna e de grandes dimensões, o resultado foi que ele não correspondia às necessidades reais e era de fraco rendimento; além disso, dava produtos de qualidade medíocre, consumia enormes quantidades de carvão e muitas vezes tinha problemas técnicos. No decurso da Grande Revolução cultural, os operários criticaram severamente a filosofia de servilismo ao estrangeiro e a tese que preconizava arrastar-se atrás dos outros, e tomaram a resolução de transformar este forno, de modo a que as condições desfavoráveis se tornassem condições favoráveis. De acordo com o grande ensinamento que o presidente Mao na sua «Intervenção na Conferência nacional do Partido comunista chinês sobre o trabalho de propaganda: **«Para julgar o nosso trabalho, a aprovação exclusiva é tão falsa como a negação exclusiva»**, empreendemos um estudo completo do forno. Tomado no seu conjunto, o forno apresentava numerosos defeitos muito sérios. Mas as suas diferentes partes não eram todas inutilizáveis. Resultava daí então que, achando tudo bem, seguir-se-ia a rotina e já não se procuraria fazer progressos, enquanto que rejeitar tudo, era fazer desperdícios. Decidimos em consequência transformar 11 das suas partes. Formámos um grupo de inovação técnica de tripla união composto essencialmente por operários, mas no qual participavam igualmente quadros dirigentes revolucionários e técnicos. Ao fim de mais de 2 meses de duros esforços, eles acabaram por transformar o antigo forno em cuba. Posto ao serviço, o seu rendimento diário passou de uma tonelada e meia a três toneladas e meia, com 90 % de produtos de acordo com

as normas de qualidade contra 50 % antes da transformação. Paralelamente, a gama de produtos, que ia de 2 a 20 W, passou de 2 a 100 W, enquanto que a quantidade de carvão consumida diariamente diminuiu de 11 toneladas para 9 toneladas e meia. Todos os camaradas declararam: «Quando se dá um salto em frente no plano ideológico, as velhas instalações trazem novas contribuições.»

O sucesso desta transformação foi uma grande lição para todos nós. Fez-nos compreender que não eram as velhas instalações que não podiam responder às exigências das novas tarefas, mas sim as nossas ideias antigas que não conseguiam adaptar-se à nova situação. A contradição entre as velhas instalações e as novas tarefas resume-se de facto a uma contradição entre as ideias antigas e a nova situação. Uma vez que o homem se arme do pensamento de Mao Tsé-tung, que ponha a trabalhar em pleno a sua actividade subjectiva, as máquinas fora de uso podem ser postas em bom estado, as velhas instalações transformadas e as condições desfavoráveis transformadas em condições favoráveis.

TIRAR PARTIDO AO MÁXIMO DE CONDIÇÕES MATERIAIS LIMITADAS

A indústria do vidro é um trabalho que consome quantidades de carvão relativamente importantes. Depois de ter estudado profundamente o grande ensinamento do presidente Mao: **«A diligência e a economia devem ser... observadas na gestão das fábricas»**, os camaradas colocaram todos a si próprios o problema de saber se era possível produzir mais consumindo menos carvão, a fim

de tirar partido ao máximo das condições materiais limitadas. Alguns pretendiam que isso era impossível. Afirmavam que a quantidade de carvão para a fusão de uma dada quantidade de matérias-primas estava regulamentada de longa data: 2200 quilos por forno circular, com menos não fundia as matérias.

O presidente Mao ensina-nos: **«Os que dirigem a guerra não podem esperar alcançar a vitória saindo do quadro definido pelas condições objectivas, mas podem e devem esforçar-se por alcançar a vitória, pela sua acção consciente, dentro desse mesmo quadro.»** As condições materiais objectivas são com efeito limitadas, mas trata-se para nós de pôr a funcionar plenamente a nossa actividade subjectiva para que, no quadro das condições objectivas limitadas, as façamos render o máximo. Para os que têm ideias conservadoras, o factor decisivo não é o homem, mas o material. Eles deixam-se atar de pés e mãos pelas condições objectivas. Quanto a nós, pensamos que as condições são dados fixos, enquanto que o homem tem um campo de acção livre, que é ele que cria as condições materiais e as controla. Só armando o espírito do homem com o pensamento de Mao Tsé-tung, e fazendo-o desempenhar plenamente o seu papel é que ele tirará o máximo da matéria.

Os sucessos alcançados uns atrás dos outros na campanha pela economia do carvão na nossa fábrica provam plenamente que a revolucionarização ideológica do homem não tem limite e que nunca se poderá pôr ponto final à valorização do potencial das condições materiais.

No decorrer do Inverno de 1969, a nossa fábrica desencadeou uma grande campanha para a economia de carvão. Graças às largas massas de operários revo-

lucionários que trouxeram ideias e sugestões, esta campanha tomou um grande impulso. Transformaram-se as caldeiras de tipo antigo, melhoraram-se as técnicas de aquecimento, procedeu-se a trocas de experiências e organizou-se uma emulação entre as equipas de aquecimento. A equipa do forno circular n.º 12 alcançou a primeira vitória fazendo baixar o consumo de carvão de mais de 2 toneladas, para 1,75 toneladas, realizando assim uma economia de 20 % e isto a despeito da fadiga e das provações e ficando agachados ao pé do forno para examinar a maneira como ardia o carvão, para lhe descobrir as leis e melhorar a técnica de ventilação.

Alguns já ficaram então satisfeitos, dizendo que não havia mais nada a extrair dali, visto que o carvão estava reduzido a cinzas. Era realmente assim? De acordo com o grande ensinamento do presidente Mao: **«Nos domínios da luta pela produção e da experimentação científica, a humanidade nunca deixará de progredir e a natureza de se desenvolver; elas nunca se deterão a um certo nível.»** Nós pusemo-nos a estudar se seria bem este o caso, e chegámos à conclusão de que, ainda que o carvão tivesse dado o seu valor calórico, este não tinha sido inteiramente utilizado na produção. Operários veteranos declararam: «Nós não podemos deixar um só bocado de carvão arder para nada, nem deixar fugir a menor quantidade de calor.» Empenhámo-nos então em utilizar de novo todo o calor residual. No forno em cuba, instalámos três caldeiras que fizemos funcionar com o calor que anteriormente se deixava escapar, em substituição de duas outras caldeiras que devoravam enormes quantidades de carvão, o que nos permitiu economizar mais de 430 toneladas por ano, e de levar assim, na nossa

fábrica, a campanha de massas para a economia de carvão a um estádio mais avançado.

Posto isto, parecia que tínhamos atingido a utilização integral e que tudo o que se fosse imaginar para realizar novas economias não conduziria verdadeiramente a nenhum lado. E houve de novo quem dissesse: «Desta vez, já não há verdadeiramente nada para extrair.» Mais uma vez este argumento se mostrou falso. A oficina de garrafas isolantes fez progredir mais a campanha de economia de carvão aprontando uma nova técnica para fabricar água destilada graças à qual se podia passar sem duas caldeiras que, para fabricar as quatro toneladas de água destilada de que diariamente tinha necessidade a oficina, consumiam duas toneladas de carvão e 100 toneladas de água. A nova técnica, não só permitia a economia de todo este carvão, como baixava ainda o consumo de água para apenas cinco toneladas. Este sucesso fez dizer a toda a gente: «É no plano ideológico que é necessário fortalecermo-nos para começar, se quisermos que o carvão dê todo o seu potencial, e só empregando toda a actividade subjectiva do homem se tirará o máximo das condições materiais limitadas.»

O nosso grande dirigente, o presidente Mao, ensina-nos: **«As armas são um factor importante, mas não decisivo, da guerra. O factor decisivo é o homem e não o material.»** A questão de saber se se dá a maior importância ao factor humano ou se se insiste unicamente nas condições materiais, não é só uma simples questão de compreensão, é também a questão de aplicar ou não a linha revolucionária do presidente Mao. Persistindo em dar a prioridade à política proletária e empregando plenamente a actividade subjectiva do homem, é possível

criar progressivamente por si mesmo as condições materiais quando elas fazem falta, transformá-las por si mesmo quando elas se revelam desfavoráveis e agir de modo a que, quando se dispuser de certas condições materiais, se tirar o máximo do material limitado para fazer assim progredir continuamente a produção socialista.

DIALÉCTICA E ARTE DE CONDUZIR SEM ACIDENTE

Por Siué Hsiang-tong, motorista de uma companhia de transporte de uma unidade do Exército Popular de Libertação da China.

Ao entrar no exército em 1968, comecei, depois de ter seguido um curto estágio de formação, a conduzir sozinho um camião para assumir tarefas de transporte. Com problemas na cabeça para resolver e sempre executando o meu trabalho, eu estudava em ligação com a prática a grande teoria do presidente Mao sobre a continuação da revolução sob a ditadura do proletariado; inspirava-me no pensamento de Mao Tsé-tung para manobrar o volante e não cessava de fazer o balanço da minha experiência recorrendo ao método dito «um divide-se em dois», tendo viajado assim mais de 35 200 quilómetros sem acidente.

O presidente Mao, nosso grande dirigente, ensina-nos: **«A ideologia e a política comandam; elas são a alma de tudo. O menor descuido no nosso trabalho ideológico e político arrastará para o mau caminho o nosso trabalho económico e técnico.»** Mais de um ano de prática fez-me

compreender profundamente que a luta entre as duas ideologias — proletária e burguesa — existe igualmente na condução automóvel. É unicamente agindo de modo que a técnica seja comandada pela política, a mecanização pela revolucionarização, que nos é possível saber como fazer face às situações mais complexas, superar as dificuldades e executar as nossas tarefas.

ESTAR PREPARADO E NÃO ESTAR PREPARADO

A nossa companhia está estacionada numa grande cidade em que as ruas são numerosas e cheias de peões. Ao princípio, quando conduzia só, encontrava muitas vezes situações imprevistas. Disse-se: «A utilização de uma máquina comporta naturalmente riscos e os acidentes são inevitáveis.» Eu próprio achava esta afirmação correcta, e vivia na familiaridade do acidente.

Depois de ter estudado as obras do presidente Mao, compreendi que este ponto de vista não estava de acordo com as instruções do presidente Mao que nos ensina: **«Qualquer que seja a coisa que se faz, não se pode conhecer as leis que a regem, não se sabe como a empreender e não se consegue fazê-la bem, se não se compreenderem as condições, o carácter e as relações com as outras coisas.»** Para evitar o acidente, é indispensável conhecer e dominar as leis do trabalho. Quando se conduz na cidade, deve-se ter em conta a todo o momento os peões. Muitas vezes, eu observava atentamente o comportamento dos peões na rua, para determinar se se tratava de camponeses acabados de chegar à cidade ou de citadinos, conforme eles apressavam o passo, ou estavam absorvidos pelos pensamentos enquanto caminhavam. Era assim que podia decidir onde abrandar e onde utilizar determinada velocidade. Tendo assim no espírito um quadro dos diferentes comportamentos dos peões e um mapa «vivo», eu sabia como me arranjar em função da situação. Se encontro um peão que parece mergulhado nas suas reflexões, buzino de longe para o avisar. Neste caso, se eu buzinasse só ao aproximar-me dele, assustado, não saberia para que lado ir para me dar passagem. Em tal circunstância o acidente produz-se quando procuramos evitar-nos mutuamente. Observei também as crianças quando atravessam um cruzamento, seguindo a passagem reservada aos peões. Quando uma criança atravessa a rua, segue, na maior parte dos casos, os adultos, mas se se trata de um grupo, é diferente. Se uma atravessa a rua, todas as outras a seguem em fila indiana. Se, por acaso, um agente de trânsito as apressa, elas correm ainda mais depressa. Neste caso, presto uma atenção especial à que vai à frente. Um dia, quando o meu camião chegava à entrada de uma rua, um arco de ferro rolou subitamente na rua e eu compreendi imediatamente que uma criança não devia estar longe. Parei imediatamente e, com efeito, vi um rapazinho sair a correr de uma ruela. Conhecendo melhor a situação, eu dominava melhor as leis que regiam o meu trabalho tendo diminuído a parte do imprevisto, eu podia dominar melhor a situação.

Porém, nunca se pode prever tudo. Um dia, um camponês seguia de bicicleta à minha frente, na sua mão. Quando buzinei para o ultrapassar, ele guinou subitamente para a esquerda e caiu no meio do caminho. Já não tendo tempo de travar, dei um brusco golpe de volante e o camião deixou a estrada. Desde então, estou sempre pronto a fazer face a incidentes deste género. Por um

lado, mantenho uma grande vigilância em todas as circunstâncias: quando estou ao volante, presto sempre a mesma atenção, quer se trate de uma grande estrada ou de uma estrada estreita, duma estrada bem cuidada ou de uma estrada má. Se os peões são raros, conduzo com a mesma atenção que quando eles são muito numerosos e faço o mesmo numa estrada deserta. Quando conduzo um camião vazio, tomo as mesmas precauções como se ele fosse carregado. Conduzindo nas ruas, mantenho sempre uma certa distância entre o meu camião e os peões ou os outros veículos, a fim de ter uma margem suficiente para a manobra. Por outro lado, faço todos os preparativos materiais. Vigio conscienciosamente a lubrificação das peças, o aperto das cavilhas, a conservação do camião e a verificação do seu funcionamento. Examino o camião antes da partida, no decorrer da viagem e no regresso. Estando preparado na previsão de uma guerra, mantenho-o em bom estado, de modo que, se for necessário, eu posso fazê-lo arrancar e parar sem obstáculo. Estar ou não estar preparado, eis aqui uma grande diferença. Se se está preparado, está-se a fazer face a todas as eventualidades e tem-se ao mesmo tempo a situação na mão.

CONDIÇÕES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS

Habitualmente, os condutores gostam de conduzir em estradas grandes, largas e planas; temem as ruas estreitas e tortuosas, os caminhos acidentados das montanhas. Preferem um veículo novo a um velho. Pensam que, se as condições forem boas, poderão levar a bom termo o seu trabalho, enquanto que de outro modo muito

provavelmente se produzirão acidentes. Um dia, quando me dirigia para uma cidade, vi um veículo virado no meio de uma estrada alcatroada. Este acidente, pensava eu, deve-se provavelmente à negligência do condutor. Nesse preciso momento, uma viatura chegava a toda a velocidade, em sentido inverso, procurando ultrapassar um triciclo com caixa. Não lhe dando este passagem, o condutor desta viatura obstinou-se em utlrapassá-lo cruzando a linha média. Ligeiramente distraído, apercebi-me disto um pouco tarde. No momento crítico em que íamos chocar, virei energicamente e o meu camião deixou a estrada para cair na berma. Este acidente evitado fez-me compreender **«que as causas externas constituem a condição das mudanças, que as causas internas são a base delas, e que as causas externas operam por intermédio das causas internas».** As condições objectivas que constituem o estado das estradas e o dos veículos revestem-se de uma certa importância na prevenção dos acidentes, mas o factor decisivo é o homem. Se um condutor está determinado a servir o povo com todo o coração, se tem sempre presente no espírito este ensinamento do presidente Mao: **«O nosso dever é ser responsável para com o povo. Cada uma das nossas palavras, cada um dos nossos actos e cada uma das nossas medidas políticas devem responder aos interesses do povo»,** e se manifesta um profundo sentido das responsabilidades quando carrega no acelerador, manobra o volante e trava, os factores desfavoráveis que são as estradas más e as viaturas velhas podem, em condições determinadas, transformar-se nos seus contrários, e uma condução segura dos veículos pode ser assegurada. Se um condutor não tem uma tal atitude, nem as estradas boas nem os veículos novos podem garantir que ele

não vá causar acidentes. É por isso que, ao conduzir numa estrada larga em que os peões são raros, mantive sempre uma grande vigilância e sigo a uma velocidade razoável. Por vezes, tinha a bordo do meu camião camaradas que gostam de andar depressa, mas eu não mantinha menos o meu sangue-frio e manifestava um estado de espírito entusiasta mas calmo. Conduzia com toda a atenção e segundo uma regra bem estabelecida e nunca acelero pelo prazer de andar depressa.

Quando a estrada ou o tempo são maus, esforço-me sempre por suplantar os obstáculos para fazer da minha missão um sucesso, segundo este ensinamento que o presidente Mao nos dá no seu artigo «Sobre o governo de coligação»: **«Este exército avança sempre, intrépido e decidido a triunfar sobre qualquer inimigo. Nunca ele se deixará submeter.»** Um dia, com um camarada, transportava madeira de um distrito para uma escola do «7 de Maio» situada num outro distrito. Soprava um vento violento e a estrada estava num estado caótico. Estava tão escuro que mesmo à luz dos faróis, não podia ver claramente o caminho. Ao menor descuido da minha parte, o camião estava em risco de acabar na vala. Parávamos frequentemente, depois púnhamo-nos de novo a caminho. Depois de ter passado várias curvas perigosas e ultrapassado vários cursos de água, chegámos perto de uma barragem recentemente construída. O caminho era íngreme e escorregadio, tentámos em vão por duas vezes fazer subir por ele o camião. A luz dos faróis ficava dirigida para o céu e nós não víamos a estrada. Descemos então do camião para o explorar. Só depois de uma luta penosa conseguimos trepar a encosta e chegámos vitoriosamente ao destino. Uma outra vez, com neve, meti-me à estrada para cumprir uma missão. A

estrada era estreita e escorregadia, e os peões numerosos. Conduzia o camião com dificuldade. Atravessava uma rua quando vi, uma vintena de metros à minha frente, um operário de bicicleta que se esforçava por dar passagem a um autocarro que o seguia. Desconfiando de que ele iria cair, concentrei toda a minha atenção e conduzi com extrema prudência. Tal como previ ele escorregou e caiu no meio do caminho, a 6 metros do camião. Como tinha previsto o que se iria passar e tomei as minhas precauções, evitara-se um grave acidente.

O presidente Mao ensina-nos: **«Um chefe militar não pode esperar alcançar a vitória além dos limites impostos pelas condições materiais, mas pode e deve lutar pela vitória dentro dos próprios limites dessas condições. A cena onde se desenrolam as suas actividades assenta nas condições materiais objectivas, mas ele pode, nesta cena, conduzir acções magníficas, de uma grandeza épica.»** Acontece o mesmo na condução automóvel. Se damos livre curso à iniciativa dos condutores agindo de modo que a política comande a técnica, as próprias condições objectivas desfavoráveis não nos podem impedir de viajar sem acidente e de executar vitoriosamente as nossas tarefas.

SER EXPERIENTE E NÃO SER EXPERIENTE

Quando comecei a conduzir sozinho, estava longe de ser audacioso porque pensava que atendendo à minha curta instrução, faltava-me experiência prática. Que fazer? O presidente Mao ensina-nos: **«Estudar nos livros é uma maneira de aprender; aplicar o que se aprendeu**

é outra, ainda mais importante. O nosso método principal é aprender a fazer a guerra fazendo-a.» Conforme este ensinamento do presidente Mao, tomei a iniciativa de me encarregar das tarefas de transporte. Na execução dessas tarefas, eu fazia constantemente o balanço da experiência e aprendia modestamente com outros camaradas. Observava atentamente os seus gestos e reflexos para os comparar com os meus, a fim de adquirir experiência. Cada vez que alguém causava um acidente, eu analisava conscienciosamente o caso, com vista a descobrir a razão e procurar saber se eu tinha cometido também imprudências susceptíveis de causar acidente semelhante. Tudo isto com o fim de extrair a lição disso. Sem tomar como exemplo a experiência de vanguarda dos outros, nós não podemos fazer progressos, porque é necessário aprender sempre junto das massas; e sem saber tirar lições dos acidentes causados pelos outros, arriscamo-nos a causar acidentes parecidos.

Tendo estudado a brilhante doutrina filosófica do presidente Mao, compreendi profundamente que a habilidade e a inexperiência eram relativas, e que em condições determinadas, a inexperiência podia-se transformar em habilidade. O essencial é ter um ponto de vista justo. Quando me puz a conduzir só, faltava-me ousadia porque não tinha nem boa técnica nem experiência; além disso, temia causar acidentes. Procurava primeiro que tudo desembaraçar-me de toda a ideia de «medo» e substituí-la por audácia; assim libertava o meu pensamento e mostrava espírito de iniciativa. Tendo-se passado um certo lapso de tempo sem que eu tivesse causado acidentes, um novo estado de espírito se gerou em mim: orgulho e satisfação de mim próprio. Pensava que a condução de um camião não tinha nada

de especial e sonhava conduzir sempre mais depressa para mostrar aos outros do que era capaz. Tais ideias erradas tinham de ser eliminadas imediatamente, senão elas iriam provocar acidentes. Para me desembaraçar deste complexo de orgulho, descobria a fundo as minhas ideias erradas e criticava-as, insistindo no perigo que elas representavam, e, com a ajuda dos meus camaradas, tomei medidas concretas para as afastar. Com o tempo, a minha técnica melhorou e eu acumulei uma rica experiência; estava capaz de enfrentar com habilidade numerosas situações. Neste estádio, eu podia estar inclinado a contentar-me com este estado de coisas, já não desejar fazer mais progressos no plano ideológico e não mais me aperfeiçoar no plano técnico. Estudei então este ensinamento do presidente Mao: **«Muitas coisas podem-se tornar um fardo, uma carga, se nos agarramos a elas cega e inconscientemente.»** Esforcei-me por adquirir um estilo de trabalho feito de modéstia e de prudência, e guiei os meus actos com a ideia da revolução contínua. Considerei a cabina como uma sala de aula para estudar o pensamento de Mao Tsé-tung, e dediquei-me a este estudo por todo o lado onde conduzia, fazendo do processo de condução um processo de estudo consciencioso do pensamento de Mao Tsé-tung, um processo da transformação da minha concepção do mundo, e elevando a minha consciência da necessidade de aplicar a linha revolucionária do presidente Mao no decurso da luta real.

Desde há mais de um ano, pela minha própria prática e inspirando-me na experiência de outrem, posso guardar sempre no espírito o que se segue: pensar sempre nos ensinamentos do nosso grande dirigente, o presidente Mao, considerar a execução da minha tarefa

— conduzir bem o camião — como um testemunho da minha fidelidade à linha revolucionária do presidente Mao, e como uma contribuição à revolução chinesa e à revolução mundial; ter sempre presente a luta de classes e tomar o camião como um instrumento da luta de classes; conduzir no interesse da consolidação da ditadura do proletariado, reforçar a todo o momento a vigilância e não deixar aos inimigos de classe nenhuma ocasião de provocar distúrbios; guardar sempre na memória a defesa da pátria para que o meu pensamento, o meu estilo de trabalho, o meu trabalho e a minha maneira de viver sejam marcadas por um espírito militante, a fim de responder às necessidades dos preparativos em previsão de uma guerra; nunca esquecer que o nosso dever é ser responsáveis para com o povo e que cada uma das nossas palavras, cada um dos nossos actos deve responder aos interesse do povo e que a minha única vontade é defender o povo, amá-lo e servi-lo com todo o coração. Se um acidente inevitável se produz quando eu conduzo, estou determinado a sacrificar a minha vida sem nenhuma hesitação para defender os interesses do povo.

O camião roda em linha recta, contudo a situação muda continuamente, e há uma luta contínua entre as duas concepções do mundo quando se segura o volante. Só estudando conscienciosamente o pensamento de Mao Tsé-tung e subordinando a técnica à política é possível progredir vitoriosamente, em todas as circunstâncias, seguindo a linha revolucionária do presidente Mao.

ROMPER COM AS CONVENÇÕES ESTRANGEIRAS

Pelo Grupo de estudos filosóficos dos operários da oficina n.° 3 da Fábrica de produtos químicos de Tientsin.

Encorajados pelo espírito do IX Congresso do Partido, os operários revolucionários da nossa fábrica, de acordo com o grande ensinamento do presidente Mao: **«É necessário romper os limites das fórmulas estrangeiras e tomar uma via de desenvolvimento industrial que nos seja própria»** e com o espírito revolucionário de ousar romper com o antigo e distinguir-se na criação do novo, conseguiram pelos seus próprios esforços aperfeiçoar e construir um clorinador em forma de torre, abrindo assim uma nova via para produzir cloro em maior quantidade, mais rapidamente, de melhor qualidade e a um custo de produção inferior.

O cloro é uma importante matéria-prima química, largamente utilizada nas indústrias de insecticidas e de produtos farmacêuticos. Antigamente, a instalação que utilizávamos para produzir cloro tinha sido sempre um clorimador do tipo dito de terraço, copiado dos protótipos estrangeiros. Dado o seu volume, ocupava um edi-

fício de cinco andares; o seu processo de trabalho era demorado, as suas operações complicadas, e mais, devorava enormes quantidades de matérias-primas. O seu rendimento era, por isso, medíocre — o processo necessitava de 60 horas, desde a introdução das matérias-primas à saída dos produtos. Tudo isto nos colocava na impossibilidade de aumentar rapidamente a produção de cloro. O clorinador em forma de torre construído por nós próprios é de dimensões bem mais reduzidas, consome sensivelmente menos matérias-primas e tem um processo de produção encurtado em dois terços, um rendimento duplo e obtém-se um cloro de excelente qualidade.

A construção do clorinador em forma de torre ensinou-nos que seguindo a nossa própria via no desenvolvimento da indústria, temos de romper com as convenções estrangeiras e estar animados do espírito revolucionário de destruir o antigo e de criar o novo. Se não ousarmos destruir o antigo, andaremos sempre a reboque dos outros se não nos aperfeiçoarmos na criação do novo, seremos incapazes de escalar os cumes nos domínios da ciência e da técnica mundiais.

O nosso grande dirigente, o presidente Mao, ensina-nos que a **«substituição do antigo pelo novo... é a lei geral e imprescritível do universo».** Pelo processo da destruição do antigo e da criação do novo, activa-se esta substituição. A sociedade evolui continuamente neste processo e acontece o mesmo com a ciência. Para destruir o antigo e criar o novo, é necessário rejeitar os mitos e superstições que aprisionam o nosso espírito, impedem-nos de reflectir e entravam ao mesmo tempo o desenvolvimento da ciência e da técnica. Há pessoas que, envenenadas pela filosofia de servilismo «comprador» de Liu Chao-chi, esse renegado, agente

do inimigo e traidor da classe operária, e pela sua doutrina de se arrastar atrás dos outros, têm uma confiança cega nas instalações estrangeiras. Não ousam mesmo formular a mínima dúvida nesse aspecto, e muito menos reformá-las. Tal era a situação que conhecemos quando decidimos melhorar as instalações para a produção do cloro. O ponto de vista dos defensores das instalações estrangeiras era de facto metafísico, porque essas pessoas só tinham em vista o facto de que as instalações estrangeiras resultavam da acumulação das experiências passadas na ciência e na técnica, negligenciando o facto de que, depois delas terem visto a luz do dia, novas experiências tinham sido realizadas na prática da produção. Eles não viam que, com o desenvolvimento contínuo da ciência e da técnica, as instalações consideradas como modernas ontem, estão hoje longe de poder aspirar a tal e que, se não conhecerem transformações nem inovações, o desenvolvimento da produção ficará entravado.

O que nós queremos rejeitar é unicamente esta confiança cega e não a ciência. Se agimos deste modo, é justamente porque queremos desenvolver mais a ciência e criar inovações de acordo com a lei objectiva do desenvolvimento das coisas. No decurso do melhoramento das nossas instalações, de acordo com o conceito de que **«um se divide em dois»,** nós dedicámo-nos, para começar a estudar minuciosamente o princípio da estrutura do clorinador do tipo dito de terraço, analisando todo o processo de trabalho, desde a entrada das matérias-primas até à saída dos produtos. Pensávamos que a reacção química do álcool e do gás de cloro nas condições dadas, que terminou na produção do cloro, era um princípio científico a não rejeitar. Tomámos igualmente

nota do facto de que o clorinador de fabrico estrangeiro, ainda que tenha sido concebido e construído segundo esse princípio, tinha naturalmente pontos fracos tais como o seu enorme volume, o longo processo de trabalho e o rendimento medíocre resultante da superfície demasiado estreita para o contacto entre o gás e as moléculas líquidas, e da reacção química insuficiente. Por consequência, os trabalhadores revolucionários da nossa oficina, pondo as suas ideias em comum e baseando-se na sua rica experiência prática, fizeram o seu próprio projecto para o fabrico de um clorinador em forma de torre.

Um projecto é qualquer coisa de natureza teórica cuja concordância com as leis do mundo exterior objectivo tem de ser posta à prova na prática. No começo dos nossos ensaios, contra o que esperávamos, nenhuma reacção se produzia entre as duas matérias-primas de base do cloro: o álcool e o gás de cloro. A fim de descobrir as razões disso, agimos no sentido indicado pelo presidente Mao na sua obra «Sobre a prática»: **«A prática, o conhecimento, depois de novo a prática e o conhecimento»**, e fixámos um espelho no aparelho de ensaios para observar a maneira como a prova se fazia. Depois de numerosos ensaios, acabámos por compreender o nó do problema e adoptar medidas apropriadas, resolvendo assim a contradição que impedia a reacção química. Contudo, resolvida esta, outras não tardaram a aparecer umas atrás das outras, e nós resolvêmo-las sucessivamente aplicando o espírito revolucionário de ousar pensar e agir e adoptando a atitude científica de procurar a verdade a partir dos factos; foi assim que o novo clorinador, em forma de torre viu a luz do dia.

O presidente Mao ensina-nos que: **«É... através das dificuldades e das vicissitudes que crescem as coisas novas.»** Todo o processo de construção do clorinador em forma de torre foi demarcado de lutas entre a dialéctica materialista e a metafísica.

Havia pessoas que diziam: «Escolhe-se um longo caminho quando existe um atalho.» Para eles, copiar os protótipos estrangeiros representava um atalho, romper com o antigo e criar o novo, um longo caminho. Isto era inverter as coisas. Com efeito, não nos devemos agarrar à aparência das coisas, mas pelo contrário, através destas discernir a sua essência. A dialéctica materialista ensina-nos que tudo tem a sua própria lei de desenvolvimento. O processo de destruição do antigo e de criação do novo é o processo que permite procurar e compreender tais leis. Cada sucesso obtido neste processo é um salto no conhecimento da lei objectiva duma coisa. Quanto mais se conhece e se compreende uma tal lei, mais se está seguro de conseguir na prática transformar o mundo objectivo. Deste modo, destruir o antigo e criar o novo é realmente um atalho para nós. O caminho longo, nós escolhemo-lo-íamos efectivamente se, sem ousar romper com as convenções estrangeiras, nos deixássemos conduzir muito lentamente atrás dos outros.

Naturalmente, podem esperar-nos vicissitudes ao longo do nosso caminho em frente, uma vez que o que nos guia subjectivamente não corresponde sempre à realidade objectiva. Mas vamos, por isso, chamar a isto um longo caminho? Isto leva-nos à questão de saber como encarar os revezes na experimentação científica... O presidente Mao ensina-nos: **«... acontece frequentemente que os erros abrem caminho à verdade».** Com a condição de que tiremos a lição dos erros e pro-

cedamos de modo a que as nossas ideias correspondam às leis do mundo exterior, estaremos aptos a transformar os erros em vitórias. Foi exactamente assim que as coisas se passaram. No decurso da construção do clorinador em forma de torre, após dois meses e meio de ensaios, estávamos ainda na fase dos erros, pela simples razão de que não tínhamos ainda compreendido completamente a lei da produção do cloro. Isto parecia ser um «longo caminho» visto que tanto homens como tempo estavam consagrados ao ensaio. Contudo, como nós compreendemos gradualmente a lei objectiva, acabámos por descobrir, na prática, uma nova técnica para produzir cloro em maior quantidade, mais rapidamente, de melhor qualidade e com um custo de produção inferior, a qual acrescentada a novas instalações, permitiu-nos elevar a produtividade em larga medida. Assim, o que tinha parecido, à primeira vista, um «longo caminho» revelara-se um atalho.

Assimilar as experiências de vanguarda dos outros pode ajudar-nos a fazer menos curvas, e seria um erro rejeitá-las. Contudo, se aprendemos com os outros, é para criar e não para copiar. Antes de nos pormos a fabricar novas instalações para a produção de cloro, assimilando as experiências de vanguarda dos outros, fizemos todos os possíveis por resumir as ricas experiências acumuladas pelos operários da nossa fábrica na prática da produção. A renovação técnica na produção dos produtos químicos, que se esforça por reduzir o volume das instalações e simplificar o processo de trabalho, deu-nos efectivamente matéria para reflectir, por isso nos decidimos a criar um clorinador de tipo novo. Agindo desse modo extraímos igualmente uma lição sobre a questão da imitação e da criação. Ao princípio, tentámos produzir cloro com as instalações que serviam para fabricar outros produtos químicos, mas isso foi um erro. Vimos então que, ao assimilar as experiências dos outros, devíamos agir a partir das nossas condições existentes e aplicá-las de maneira criadora fazendo apelo ao sentido crítico e não mecanicamente. Nós temos de seguir a nossa própria via no desenvolvimento da indústria, associar a criação com a assimilação das experiências de vanguarda dos outros, dando especial revelo à criação, sem perder de vista o nosso fim: ultrapassar os outros.

O nascimento do clorinador em forma de torre prova mais uma vez que, guiada pelo grande princípio do presidente Mao **«Independência e autonomia»** e **«contar com as suas próprias forças»**, a classe operária chinesa, fazendo valer o seu espírito de iniciativa e o espírito criador revolucionário, fará rapidamente da China uma potência socialista moderna e contribuirá numa medida bem maior ainda para o apoio da revolução no mundo.

NÓS TRABALHAMOS A TERRA GUIANDO-NOS PELO PENSAMENTO FILOSÓFICO DO PRESIDENTE MAO

Pela célula do Partido, pelos camponeses pobres e médios da camada inferior da brigada de Tatchai, distrito de Siyang, província de Chansi.

O nosso grande dirigente, o presidente Mao, ensina-nos: «**Que a filosofia seja liberta da sala de conferências e dos livros dos filósofos, e se torne uma arma afiada nas mãos das massas.**» Nós, os habitantes de Tatchai, estudando conscienciosamente as obras do presidente Mao e agindo segundo os seus ensinamentos, não deixámos desde há alguns anos de nos guiar pelo seu brilhante pensamento filosófico na produção agrícola. Todos os anos, saboreamos um pouco mais os benefícios que nos traz o trabalho científico da terra. Trabalhar a terra é ajustar contas com a natureza, que varia de dez mil maneiras, e cabe ao homem decidir as medidas a tomar para lhe fazer face. Em consequência, só estudando conscienciosamente o pensamento do presidente Mao em matéria de filosofia, é possível conhecer

melhor o mundo objectivo, transformá-lo ao mesmo tempo que o mundo subjectivo e obter abundantes colheitas. Falaremos em baixo de alguns ensinamentos que tirámos desse estudo.

AS CULTURAS DE ALTO RENDIMENTO E AS DE BAIXO RENDIMENTO

Esforçando-nos por obter colheitas sempre melhores, aconteceu encontrarmo-nos perante uma contradição nalguns campos: a que dar o lugar principal? Ao milho, ao milho miúdo ou às leguminosas? Os que achavam que o milho dava mais, reservavam-lhe a maior parte da terra, o resto para o milho miúdo e não deixavam praticamente nada para as culturas de menos importância. Eles estavam errados.

Seria uma afirmação demasiado absoluta qualificar certas culturas como sendo de «alto rendimento» e outras de «baixo rendimento» Outrora, quando o nosso Tatchai era um lugar onde não havia por assim dizer um metro quadrado de terreno direito, em que as calamidades se sucediam com as plantas que amareleciam ao fim de três dias sem chuva e as terras que ficavam praticamente «lavadas» após cada tempestade, estava fora de questão falar de alto rendimento qualquer que fosse a cultura escolhida. Nessa época, pouco mais de 20 % das terras eram cultivadas com milho, e o rendimento era apenas de cento e alguns quilos por mu[1]. Ora, presentemente, fazendo valer o espírito de iniciativa do homem, conseguimos ter terrenos nivelados com uma camada de terra arável muito espessa e fértil onde toda a cultura cresce maravilhosamente, e o rendimento médio do milho eleva-se a mais de 500 quilos. O rendimento do trigo, do milho miúdo e das leguminosas aumentou igualmente. O trigo não ocupava antigamente mais que uma vintena de mus, com uma produção de aproximadamente cinquenta quilos por unidade; hoje, mais de cem mus lhe são consagrados, e cada um dá mais de 200 quilos. No Verão, uma vez colhido o trigo, planta-se nessas terras milho miúdo (rendimento : 300-350 quilos por mu) ou semeia-se milho miúdo (rendimento: mais de 350 quilos por mu). Assim, com as duas colheitas, obtém-se um rendimento anual de mais de 500 quilos. No passado, mais de 100 mus de terras eram exclusivamente reservadas anualmente às leguminosas, mas o rendimento global não atingia mais de 10 000 quilos. Ora, no presente, obtemos a mesma quantidade de leguminosas praticando a cultura intercalar. Ultrapassamos assim todos os anos o plano de Estado e aumentamos continuamente as reservas de leguminosas da colectividade.

É necessário ter uma visão dialéctica a propósito da escolha das culturas assim como a propósito da extensão a consagrar a cada uma delas. Estabelecer as proporções entre as diversas culturas é uma coisa importante que diz respeito ao triplo interesse do Estado, da colectividade e dos membros da brigada. A quantidade de milho, de milho miúdo e de outros cereais que serão cultivados deve ser fixada partindo desse ponto de vista de conjunto que é **«preparar-se prevendo uma guerra e calamidades naturais, e tudo fazer no interesse**

[1] Um mu igual a 1/15 do hectare.

do povo». Mesmo se se trata de culturas com baixo rendimento, a partir do momento em que elas respondem às necessidades da revolução, nós temos por dever tudo fazer para que elas dêem o mais possível.

O MONTE DE ESTRUME E O MONTE DE GRÃO

Há um ditado que afirma: «O monte de grão no Outono depende do monte de estrume na Primavera.» Mas, será isto mesmo uma garantia? Não, é uma maneira simplista de ver as coisas. O monte de estrume, por mais volumoso que seja, não é mais que um factor material favorável; o mais importante é fazer valer o papel do homem no emprego do adubo. Há pessoas que dizem: «Não há segredos para cultivar a terra. Quanto mais adubo se puser, melhor; cultiva e semeia com toda a arte que queiras, o preguiçoso obterá mais que tu espalhando mais adubo.» Mas isso não é trabalhar a terra segundo métodos científicos.

Em que consiste uma boa técnica de adubação? O presidente Mao ensina-nos: **«Resolver as contradições diferentes por métodos diferentes é um princípio que os marxistas-leninistas devem observar rigorosamente.»** Eis igualmente um princípio que é necessário compreender para cultivar a terra e empregar o adubo. A nossa brigada conta com terras arenosas, argilosas, negras, brancas; em vertentes ensolaradas e em vertentes que o não são, também é necessário empregar o adubo segundo as suas características e não de qualquer maneira. Se, por exemplo, se utiliza adubo que arrefece em terras frias ou adubo que aquece em terras quentes, não se faria mais que reforçar as características próprias

do solo, e obter-se-iam resultados completamente contrários. Ao fim de numerosos anos de prática na produção e na experimentação científica nós entendemos enfim as leis do emprego do adubo: os adubos que arrefecem vão para as vertentes ensolaradas, os adubos que aquecem para as vertentes sombrias, os adubos animais para as terras arenosas, as cinzas para as terras argilosas. Por outro lado, é necessário aplicar os adubos segundo as culturas. As sementes do milho, sendo grandes e plantadas em profundidade, é necessário aplicar-lhes principalmente como adubo a palha de cereais. Uma vez que as plantas novas tenham nascido, é necessário dar um suplemento de adubo às que são demasiado pequenas ou frágeis; nos sítios onde a terra é menos fértil e os rebentos frágeis, é necessário acrescentar adubo mais cedo para activar o crescimento do pé e da espiga; no caso contrário, o adubo deve ser acrescentado mais tarde para activar sobretudo o crescimento da espiga. Uma vez que nós aplicamos o adubo segundo as circunstâncias, as culturas crescem com o mesmo vigor por todo o lado: nas ravinas, tanto nas montanhas como nas vertentes.

Não chega aplicar o adubo com arte, é necessário resolver ainda a questão de saber que espécie de adubo utilizar. Os adubos químicos ou o estrume de quinta? Teve igualmente lugar uma luta acerca destes problemas. Em Tatchai, contamos principalmente com a palha dos cereais, à qual se vai juntar os excrementos dos porcos e do gado grosso. Não rejeitamos os adubos químicos, mas não contamos acima de tudo com eles, por outras palavras, queremos trocar pelo monte de estrume que nós próprios amontoámos o monte de grão que irá apoiar a revolução no mundo.

AS SEMENTES DE BOA OU MÁ QUALIDADE

Na **Carta em oito pontos**[1] para a agricultura, que formulou, o presidente Mao indica-nos que é necessário dar uma grande importância à selecção de sementes de boa espécie. Mas, donde vêm as boas espécies? Elas não caem do céu, mas provêm das selecções e dos cuidados minuciosos dispensados pelas massas no decorrer de uma longa prática e experimentação científica. As sementes que são de boa espécie numa região podem não o ser numa outra, e isso por causa da diferença da situação geográfica, do clima, dos solos e doutras condições. É necessário também ter um ponto de vista dialéctico no que diz respeito às sementes de boa qualidade.

Há pessoas que pensam que todas as sementes, uma vez que provenham de uma troca com outras unidades, são forçosamente de boa espécie. Ora, isto nem sempre é verdade. Em Tatchai, procedemos sempre a toda uma série de culturas experimentais em pequenos campos antes de empreender a cultura em grande, para termos a certeza de termos êxito. Esta experimentação é empreendida em todas as espécies de solos e em terrenos de configuração diferente, isto anos a fio durante os quais as culturas são postas à prova das calamidades

[1] Em 1958, o nosso grande dirigente, o presidente Mao, formulou oito importantes medidas para aumentar a produção agrícola, chamadas abreviadamente a **Carta em oito pontos**, isto é: lavra em profundidade e melhoramento do solo, estrumação, trabalhos hidráulicos, selecção das sementes, plantação densa e racional, protecção das culturas, manutenção cuidada das culturas nos campos e aperfeiçoamento dos instrumentos agrícolas.

mais diversas: secas, estagnação de águas, vento, granizo, geada, frio, doenças, estragos feitos pelos insectos, e só assim é possível obter finalmente boas espécies que convenham às condições locais. O milho miúdo de Wuan, por exemplo, que nós cultivámos foi escolhido entre 12 espécies de milho miúdo. Isto não quer dizer de modo nenhum que todas as outras espécies são más. Se não as escolhemos, foi principalmente porque elas não se adaptavam às condições da nossa região. As características do milho miúdo de Wuan são que ele tem uma boa faculdade de adaptação, uma grande resistência às calamidades, não sente os efeitos das chuvas torrenciais e que, na nossa região, dá um bom rendimento tanto em grão como em palha, quer seja cultivado nas cristas, nas ravinas, nas vertentes, nas terras planas, e quaisquer que sejam os solos: ocre, branco, arenoso, negro.

As boas espécies não são de modo nenhum imutáveis, porque com o tempo, elas acabam por degenerar em más. Contudo, se cada ano se seleccionam cuidadosamente as sementes, as boas espécies não só não degeneram, como pelo contrário melhoram. O milho miúdo de Wuan, que cultivamos desde que se estabeleceu a cooperativa agrícola, em lugar de degenerar, tem um rendimento cada ano mais elevado, e a razão disso é que todos os Outonos seleccionamos as sementes nas espigas. Há pessoas que pensam que, para o milho miúdo, é necessário mudar as sementes regularmente ao fim de alguns anos, senão o rendimento diminuirá. Os que mantêm este ponto de vista ocupam-se apenas de semear e negligenciam proceder à selecção das sementes, e em consequência não fazem valer o espírito de iniciativa do homem.

Encontram-se naturalmente ainda algumas espécies, contra a degeneração das quais o homem continua até ao presente impotente. Temos, por exemplo, uma espécie de milho — Chansi n.º 1 — que dava um rendimento satisfatório nos primeiros tempos, mas desde há alguns anos, manifesta uma certa degeneração. Perante tal situação, procedemos por um lado a um novo cruzamento, por outro lado empreendemos ensaios com outras sementes de substituição, o que nos permitiu manter um rendimento do milho elevado e estável.

SEMEAR EM GRANDE OU PEQUENA PROFUNDIDADE

Semear em profundidade é uma importante experiência que permite aumentar a produção. Este método tem a vantagem de permitir às culturas enraizar bem, e de lhes dar assim resistência contra a seca e a chuva torrencial. Além disso, obtêm-se 60 quilos a mais por mu do que semeando praticamente à flor da terra.

Contudo, isso exige como condição que a camada de terra activa seja espessa. Como lhe dar espessura? Primeiro: lavrar em profundidade no Outono, segundo: cavar em profundidade no Verão, além disso, é necessário engrossar esta camada com terra transportada, trabalhar a terra com cuidado e espalhar mais adubo orgânico, para que ela seja muito móvel. Sem a lavra e a cava em profundidade, assim como sem a adição de terra trazida doutros lugares, a camada de terra activa era muito delgada, e se, nessas condições, se semeava em profundidade, colocavam-se as sementes sobre a terra inactiva e as raízes não prendiam. E se, apesar

da lavra em profundidade, ficarem grandes torrões de terra, os rebentos, esmagados por eles, não poderão romper, e a lavra em profundidade seria inútil.

Outrora, como em Tatchai a terra activa não tinha mais que 10 cm de espessura, o milho era semeado a 6 cm de profundidade. Hoje que essa camada é mais espessa, o milho pode ser semeado até 12 cm de profundidade. Houve um ano em que sobreveio uma seca particularmente grave, e para que pudesse encontrar humidade, o milho foi semeado a cerca de 16 cm de profundidade. Nós não semeamos sempre à mesma profundidade. Por exemplo, nas cristas e nas vertentes ensolaradas onde a temperatura do solo é mais elevada, e onde a humidade é insuficiente, semeamos a maior profundidade. Os rebentos do Grande milho Amarelo rompem a terra com mais facilidade, por isso semeamos essa espécie mais profundamente que a Rainha do Ouro. E até no mesmo campo, semeamos mais profundamente nos lugares em que a camada de terra é mais espessa, mais seca, do que naqueles em que a camada é ao mesmo tempo delgada e húmida.

Praticamos a cultura intercalar de leguminosas entre as filas de milho. Há contudo aí uma contradição: as leguminosas têm de ser semeadas a uma profundidade inferior à do milho, de outro modo não nascem. Para resolver esta contradição, adoptámos a seguinte técnica: o que deita as sementes põe com o pé um pouco de terra no sulco, para que as leguminosas fiquem semeadas a um nível mais elevado que o milho; assim todos os rebentos nascem. Há lugares onde as pessoas ainda não compreenderam esta contradição, ou não tomaram ainda medidas sérias para a resolver, e o resultado é que, ainda que uma enorme quantidade de

leguminosas seja semeada na Primavera, não se recolhe mais que uma quantidade irrisória ou praticamente nula. A razão disto é que eles não compreenderam ainda a dialéctica na questão da profundidade para as sementeiras.

PLANTAÇÃO DENSA OU DISPERSA

Qual é a densidade conveniente para as culturas? A nossa experiência diz-nos que ela deve ser razoável.

Que densidade pode ser considerada como razoável? O presidente Mao ensina-nos que ao estudar o carácter específico de todas as contradições: **«não nos devemos mostrar subjectivos e arbitrários, mas fazer uma análise concreta. Sem análise concreta, impossível conhecer o carácter específico de qualquer que seja a contradição»**.

Outrora, em Tatchai, semeávamos menos de 1000 pés de milho por mu. Ao falar dessa época, as massas dizem ridicularizando: «Os bois tinham lugar para se deitarem nos campos de milho, e pensava-se ainda que a plantação era muito cerrada.» Após a Libertação, como tínhamos arranjado os campos, tínhamos dado uma maior espessura à camada de terra activa, e aumentado a quantidade de adubo, o número de pés de milho por mu passa de 1600 para 2400. Contudo, nós não plantamos um número de pés ao acaso, a densidade varia segundo a configuração do terreno, o solo, a fecundidade e as diferentes variedades. Nas terras situadas nas ravinas onde o ar e os raios solares penetram mal, plantamos de 1600 a 1800 pés de milho grande da espécie apelidada Rainha de Ouro, enquanto que nas cristas

onde as condições citadas acima são excelentes, plantamos cerca de 200 pés de milho Chansi n.º 1 por mu.

Estes últimos anos, como, à força de as tratar, as terras se tornaram cada vez mais férteis, havia pessoas que pensavam que, para que elas dessem mais, era necessário aumentar o número de plantas. Ora isso revelou-se falso. Uma vez, para aumentar o rendimento, empreendemos uma plantação um pouco mais cerrada nalguns campos. Vendo isso, o camarada Tchen Yong-kuei, secretário da célula de Partido, fez-nos notar: «Agora que a terra é fértil, o milho cresce bastante mais; se plantamos demais, o ar e os raios solares têm dificuldade em penetrar entre eles, resultado, não se chega a aumentar o rendimento porque a haste aumenta em prejuízo da espiga. Pelo contrário, se se planta um pouco menos, cada planta crescerá de maneira satisfatória: a haste será forte, a espiga grossa, o grão cheio e o rendimento será forçosamente mais elevado.» No Outono, recolhemos separadamente o milho segundo a densidade da plantação, e pudemos constatar que onde a plantação tinha sido muito cerrada (2000 plantas por mu) o rendimento por mu era de 500 quilos, isto é uma média de 250 gramas por planta, enquanto que onde ela o tinha sido menos (1600 plantas por mu) o rendimento era de 560 quilos pela mesma superfície, isto é uma média de 350 gramas por planta, o que fazia então uma diferença de 60 quilos. Sem falar que nos sítios onde se fizera uma plantação menos densa, as culturas intercalares tinham crescido melhor e que o grão de milho era mais cheio. Isto fez-nos compreender que não há no fundo critérios fixos para a plantação densa e a plantação dispersa, mas que eles variam segundo a fertilidade do solo, as espécies cultivadas, as condições

de penetração do ar e os raios do sol. A densidade razoável é a que permite valorizar o potencial de alto rendimento da terra.

Encontram-se lugares em que a plantação se revela demasiado densa ou demasiado dispersa. Os que se recusam a empreender a plantação densa não se desembaraçaram ainda das antigas práticas de culturas; não aumentaram o número de plantas à medida que tratavam das terras e aumentavam a quantidade de adubo, enquanto que os que aumentaram às cegas o número das plantas fizeram-no sem proceder a experiências em ligação com as mudanças que intervieram nas condições tais como a terra e o adubo. Estas duas tendências não reflectiram, nem uma nem outra, a realidade objectiva e não permitiram por consequência aumentar a produção. No que diz respeito à densidade conveniente, não se pode chegar a uma conclusão senão procedendo a experiências conforme as condições do lugar e as espécies cultivadas.

UTILIZAR A DIALÉCTICA MATERIALISTA PARA CURAR AS DOENÇAS CORRENTES

Por Kuo Chu-su, médico militar do Hospital 106 de uma unidade do Exército Popular de Libertação da China.

Eu praticava a medicina geral quando, há alguns anos, os nossos dirigentes decidiram que eu devia especializar-me em neurologia. Fiquei, em primeiro lugar, contrariado porque não possuía senão muito poucos conhecimentos neste domínio. Reflecti: não ter uma boa base neste domínio era uma coisa má, mas também era uma boa. Como nos ensina o Presidente Mao: **«Uma folha branca oferece todas as possibilidades; pode-se escrever ou desenhar nela o que houver de mais novo e mais belo»**, resolvi, portanto, atacar doenças do sistema nervoso.

Isso não foi fácil. Para remediar a minha ignorância em neurologia, comecei por mergulhar nos manuais estrangeiros. Descobri rapidamente que estes livros tratavam sobretudo de teorias complexas e de doenças pouco frequentes. As doenças correntes eram pouco abordadas

e, portanto, pouco tratava dos casos frequentemente encontrados na prática; ou, então, certos livros contentavam-se em mencioná-los, e nada mais. Por isso, quanto mais os examinava seguidamente, mais me desencorajava.

Foi então, precisamente, que o nosso grande guia, o presidente Mao, deu esta brilhante directriz: **«Centrar o trabalho médico e sanitário nas regiões rurais»**, orientando assim o nosso progresso, enquanto trabalhadores médicos. De acordo com a directriz do presidente Mao, em vez de nos limitarmos ao hospital, organizámo-nos em equipas médicas ambulantes e fizemos a volta pelas unidades do Exército Popular de Libertação e pelas aldeias. Mas os casos lá encontrados eram ainda doenças correntes.

Esta situação fez-nos compreender mais claramente que o acento devia ser colocado na cura das doenças comuns. É contrário à linha proletária do presidente Mao em matéria de trabalho médico e sanitário negligenciar o estudo destas doenças e a melhoria do seu tratamento, e consagrar um pessoal numeroso e uma grande quantidade de material para pesquisas sobre doenças extremamente complexas e raras. Segundo os ensinamentos do presidente Mao, decidimos dedicar-nos às doenças correntes e descobrir novos métodos de as tratar.

COMPREENDER O ASPECTO PRINCIPAL DE UMA CONTRADIÇÃO

A neurastenia, por exemplo, é uma doença correntemente encontrada em neurologia. Todos os que sofrem disso apresentam os mesmos sinqtomas: dores de ca-

beça e insónias — sendo a insónia uma das causas principais das dores de cabeça. Existe, a este respeito, um provérbio: um médico que examina um paciente que se queixa de enxaquecas, apanha também as enxaquecas. Para atenuar a dor, o médico prescreve, habitualmente, calmantes ou soníferos, que não provocam senão um alívio momentâneo, e são impotentes para curar a doença.

Para vencer a neurastenia, estudei muitas vezes «Sobre a contradição», brilhante obra filosófica do presidente Mao, que me esclareceu bastante.

O presidente Mao ensina-nos: **«Dos dois aspectos contraditórios, um é necessariamente principal e o outro secundário. O principal é aquele que desempenha o papel dominante na contradição. O carácter das coisas e dos fenómenos é sobretudo determinado por este aspecto principal da contradição, que ocupa a posição dominante.»** Pensei, então: Uma pessoa está cheia de animação durante o dia e deixa-se vencer pelo sono à noite, eis o fenómeno normal da excitação e da inibição do córtex cerebral. O problema do neurasténico é que o seu córtex cerebral não é excitado como devia durante o dia, e não é inibido à noite, do que resulta uma actividade anormal do sistema nervoso.

A excitação e a inibição são dois aspectos de uma contradição. Um dos dois deve desempenhar o papel dominante. Mas qual? Nós repousamo-nos para trabalhar bem, mas não o contrário. A excitação desempenha, portanto, o papel dominante, e em se tratando deste género de doença, o acento deve ser colocado sobre o aspecto da excitação. Mas, de outras vezes, segundo os tratados de medicina sobre as doenças nervosas, os fortificantes e os soníferos estavam indicados ao neurasténico para o acalmar. Por outra palavras, o acento

estava posto sobre o aspecto da inibição. Mas a prática prova que este género de tratamento não pode resolver o problema na essência. Ele leva normalmente à necessidade de uma quantidade cada vez maior de medicamentos, enquanto o problema persiste.

De acordo com os ensinamentos do presidente Mao: **«Quando o aspecto principal da contradição, o aspecto cuja posição é dominante, muda, a qualidade do fenómeno sofre uma alteração correspondente»**, eu decidi, então, mudar o antigo método habitual de tratamento. Concentrando-me sobre o aspecto da excitação que desempenha o papel dominante, para aumentar a excitação do doente durante o dia. Uma excitação suficiente provocará, naturalmente, uma inibição apropriada.

Com a ajuda dos hospitais irmãos e dos camaradas, estudei e adoptei um novo método de tratamento, quer dizer, o aumento do grau de excitação do doente durante o dia. Depois de pequenas experiências com animais e comigo próprio, até estar seguro que este método de tratamento não causaria mal algum no corpo humano, apliquei-o num doente gravemente atingido de neurastenia, há mais de vinte anos. Apliquei-lhe o tratamento uma vez por dia, antes do meio-dia, e com duração aproximada de um minuto de cada vez. Três dias depois, o doente ficava sonolento entre as 8 e as 9 horas da noite. Desde então este camarada está pleno de vigor durante o dia e dorme normalmente à noite. Assim, sem um comprimido ou uma injecção, os seus problemas nervosos desapareceram.

Actualmente nós tratámos mais de 500 neurasténicos que sofriam de dores de cabeça e de insónias, e as curas ultrapassam já oitenta por cento dos casos.

PENETRAR NA ESSÊNCIA PELO FENÓMENO

«É preciso analisar o fundo de cada coisa e não considerar as manifestações exteriores senão como uma avenida que vai dar à porta de que é preciso transpor o limiar para atingir o fundo do problema. É este o único método de análise, seguro e científico, dos fenómenos.»

Este grande ensinamento do presidente Mao é igualmente aplicável para o diagnóstico e tratamento das doença. Isto não resolve o problema fundamental. fenómeno superficial de uma doença, é certo que acabaremos por tratar de enxaqueca quando tratamos apenas da cabeça ou de uma dor de pés quando tratamos somente o pé, negligenciando a causa principal da doenças. Se nós somos induzidos em erro por qualquer

Uma doença que nós encontramos frequentemente é a dermatonevrite. Durante muito tempo, os meios médicos tinham o hábito de diagnosticar o aumentar de peso de uma certa parte do corpo como uma dermatonevrite. Eles tentavam sempre concentrar o tratamento sobre a «inflamação».

Em nome da minha prática médica, comecei a ter dúvidas a este respeito. O aumento de peso causado pela dermatonevrite é um fenómeno, dizia-me eu, mas por vezes, o fenómeno não corresponde inteiramente à essência, porque o mesmo fenómeno pode reflectir essências diferentes. Assim, não nos devemos deixar enganar por um fenómeno.

Depois de um exame consciencioso da história dos doentes que sofrem de dermatonevrite, eu descobri que a sua doença era causada, a diferentes níveis, pela humidade e pelo frio. A fonte do seu mal estava verdadeiramente ligada à longa inibição dos nervos à volta

da região afectada. Isto podia então chamar-se de paralisia local dos nervos. Partindo daqui, eu estava avisado que a dermatonevrite não é uma doença inflamatória. O tratamento não devia então ser concentrado sobre a «inflamação», mas devia ajudar os nervos à volta da região afectada a retomar o seu estado de excitação.

Nós procedemos então a pesquisas e decidimos finalmente adoptar um método novo: Fazer retomar durante um curto período a excitação dos nervos inibidos há longo tempo.

O presidente Mao ensinou-nos o seguinte: **«O nosso dever é sermos responsáveis para com o povo.»** Para não causar o mínimo prejuízo aos doentes, ensaiei o novo método sobre mim. Se bem que tendo algum sofrimento durante as experiências, eu sentia-me feliz porque tinha provado que este método podia excitar os nervos sob a pele e fornecer assim um tratamento à dermatonevrite.

Um soldado tinha sido acometido desta doença há quatro anos. Uma das suas pernas estava inchada, a ponto de nem mesmo reagir a uma picada. Ele tinha consultado numerosos hospitais reconhecidos, mas sem resultado. Com as experiências colhidas graças aos ensaios praticados sobre o meu próprio corpo, decidi aplicar-lhe o novo tratamento. A seguir ao primeiro teste, o inchaço da perna dele desapareceu por metade e desapareceu completamente depois do segundo. O paciente recobrou enfim a saúde.

No espaço de mais de um ano, nós tratámos uma centena de doentes de diferentes espécies de dermatonevrite ou de polinevrite. Curaram-se todos.

A prática fez-me concluir profundamente que, seja o que for que a gente faça, devemos ir além do fenómeno superficial e estudar a essência das coisas. Só assim, nós podemos compreender a lei objectiva de uma coisa e não ser enganados pelo seu fenómeno; e é só desta maneira que o nosso pensamento pode corresponder à realidade e que nós podemos adoptar o método correcto para resolver o problema e obter os resultados do nosso trabalho.

FAZER O BALANÇO DA EXPERIÊNCIA E CONTINUAR A PROGREDIR

As nossas voltas médicas às unidades do Exército Popular de Libertação e às aldeias puseram-nos em presença de numerosos doentes que se queixavam de dores nas pernas e nos rins. Este facto atraiu-nos a nossa atenção. Como podíamos nós curá-lo? Era uma questão difícil de resolver. As dores nas pernas e nos rins são frequentes entre os trabalhadores. Outrora, devido à linha revisionista introduzida no trabalho médico e sanitário por Liu Chao-chi, esse renegado, agente do inimigo e traidor à classe operária, muito poucas pessoas se debruçaram sobre esta questão, e ninguém sabia para onde dirigir os doentes que sofriam deste mal. Enquanto combatentes médicos, armados com o pensamento de Mao Tsé-tung, digo-me, nós devemos servir de todo o coração os operários, camponeses e soldados. Nós devemos encontrar o meio de curar estes casos e de minorar os sofrimentos dos nossos irmãos de classe.

Conforme o grande ensinamento do presidente Mao: **«É preciso fazer conscienciosamente o balanço da experiência adquirida»**, nós fizemos com seriedade o balanço do processo do nosso tratamento da neurastenia e da

dermatonevrite. Compreendemos então profundamente que tínhamos estado ao mesmo tempo a curar as diversas doenças correntes ligadas à neurologia, não nos apoiando nos tratados de medicina, só ligando à experiência estrangeira, mas apoiando-nos no pensamento de Mao Tsé-tung, na dialéctica materialista enunciada pelo presidente Mao. Esta foi a nossa experiência mais importante. Pelo balanço da nossa experiência, nós fomos capazes de reconhecer a essência comum de algumas doenças correntes. **«Depois de termos tomado conhecimento da essência comum das coisas, devemos ir mais longe e estudar as coisas concretas, que foram insuficientemente estudadas ou que aparecem pela primeira vez.»** Seguindo este ensinamento do presidente Mao, estudámos especialmente as dores das pernas e dos rins.

O presidente Mao ensina-nos isto: **«O inquérito é comparável a uma longa gestação e a solução de um problema ao dia da libertação.»** Nós abordámos este difícil problema indo em primeiro lugar junto dos combatentes do Exército Popular de Libertação e dos camponeses pobres e médios da camada inferior para aí descobrir as razões que provocam as dores nas pernas e nos rins. Nós procedemos a exames atentos dos doentes, principalmente os que sofriam de curvatura na região lombar, experimentam uma sensação de tensão dos músculos e outros tecidos na região dolorosa ou à volta desta. Atenção é sinal de contracção muscular. É um reflexo protector ou patológico comum a todos os animais.

A contracção e o relaxamento dos músculos são dois aspectos de uma contradição. Têm pontos comuns com os dois aspectos de uma outra contradição — a excitação e a inibição nervosas. A neurastenia é a inversão do fenómeno excitação-inibição, e as dores nas pernas e rins são devidas da mesma maneira à desordem do fenómeno contracção-relaxamento. Em consequência, cheguei à conclusão que as dores nas pernas e rins sobrevêm quando os músculos e outros tecidos sofreram durante muito tempo um estado de semicontracção e de semifadiga. Esta é a causa inicial. Se este estado pudesse ser eliminado e os músculos e outros tecidos relaxados, os doentes seriam libertados da dor e recuperariam o vigor e a saúde. Eu pensei então que o tratamento fisioterápico das dores nas pernas e rins tinha obtido certos sucessos outrora e a razão está, em poucas palavras, em que ele tinha trazido aos músculos e outros tecidos, um certo relaxamento. Como este tratamento não conseguia relaxá-los inteiramente, o doente não podia, portanto, curar-se completamente.

Neste caso, o que fazer para provocar o relaxamento completo dos músculos e outros tecidos? O presidente Mao disse: **«Cada um dos dois aspectos contraditórios de um fenómeno tende a transformar-se, em condições determinadas, no seu oposto.»** Se eu conseguir descobrir um meio para provocar durante um breve momento, uma forte contracção dos músculos e outros tecidos depois de muito tempo em estado de semicontracção, digo para mim mesmo, seguir-se-á necessariamente o seu relaxamento completo. Com os camaradas, procedi a experiências minuciosas e repetidas. O novo tratamento trouxe instantaneamente resultados. Um velho que há numerosos anos não podia levantar-se em consequência de fadiga extrema, na antiga sociedade, foi curado depois de quatro sessões de tratamento que requereram alguns minutos no total.

Empregando o mesmo princípio, tratámos com sucesso reumatismos, espondilites hipertróficas, dores musculares agudas, ciáticas e outras doenças correntes. No momento actual, tratámos perto de 500 doentes que se queixavam de dores nas pernas e nos rins: noventa por cento constataram melhoras e mais de metade ficaram completamente curados.

O nosso grande guia, o presidente Mao, ensina-nos: **«Para que se realize o movimento que conduz a um conhecimento justo, é preciso um grande número de vezes de repetições do processo que consiste em passar da matéria ao espírito, depois do espírito à matéria, quer dizer, da prática ao conhecimento, depois de conhecimento à prática.»** Eu comecei apenas a aprender a aplicar a dialéctica materialista do presidente Mao e estes tratamentos novos estão longe de estar completamente acabados. Nós devemos também estudar a fim de os aperfeiçoar e desenvolver. À luz do pensamento de Mao Tsé-tung, estou decidido a estudar melhor as obras do presidente Mao e servir os operários, camponeses e soldados e a consagrar todos os meus esforços para trabalhar no seu interesse.

ÍNDICE

Pág.

Nota do Editor 11

A propósito de «mudar» 15

Estabelecer novos recordes ou conservar unicamente o título de vanguarda 27

A dialéctica aplicada à construção de um cargueiro de 10 000 toneladas 35

O factor determinante é o Homem 45

Dialéctica e arte de conduzir sem acidente 57

Romper com as convenções estrangeiras 67

Nós trabalhamos a terra guiando-nos pelo pensamento filosófico do Presidente Mao 75

Utilizar a dialéctica materialista para curar as doenças correntes 87

Este livro
acabou de se imprimir
em Julho de 1977
na
Editora Gráfica Portuguesa, Lda.
R. Nova do Loureiro, 18-34 - Lisboa-2
para
EDIÇÕES MARIA DA FONTE
Lisboa

Edição conjunta da
ASSOCIAÇÃO (UNIFICADA) DE AMIZADE PORTUGAL - CHINA
e das
EDIÇÕES MARIA DA FONTE